REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

Ano IX - N.º 94
Abril de 1963

Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil

ANO IX — MARÇO DE 1963 — N.º 93

SUMÁRIO

DOCUMENTOS PONTIFICIOS	129	As lições de três novos Santos — Homilia de S. S. João XXIII na canonização de Pedro Julião Eymard, Antônio Maria Pucci e Francisco Marin de Camporosso (9/12/62).
RECRUTAMENTO	133	Preparação para o Seminário Menor na cidade e na zona rural — Pe. Frei Marcelo Gomes OFM.
EDUCAÇÃO	145	Escola, Comunidade Missionária? — Pe. Hugo Paiva C. M.
ENSINO	153	Breves considerações sôbre o Latim, o grande injustiçado do nosso currículo escolar — Irmão Emílio Athanásio F. M. S.
A COMUNIDADE PAROQUIAL	157	VI — Consultar antes de decidir como método para educar a Comunidade — Pe. Leão Douven Cs R.
VIDA ESPIRITUAL	163	O único necessário (continuação) — Pe. João Ev. Betting CssR.
CONSULTÓRIO JURÍDICO	171	Decisão importante da Santa Sé — Pe. Frei Francisco Xavier Bockey OFM.
ESTATISTICA	173	Casas Religiosas femininas fundadas e fechadas em 1960 — Departamento de Estatística C. R. B.
SERVIÇO SOCIAL	183	A Diretora no Pensionato — Apóstola e consagrada — Cón. Matagrin.
DEPART. DE VOCAÇÕES	188	O Encontro Vocacional de São Paulo — Pe. Bertrand de Margerie S. J.
CRÔNICA	191	Um Núcleo Seccional exemplar — Irmã Maria Rita de Nossa Senhora M. J. Cr.
BIBLIOGRAFIA	192	

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil
Av. Rio Branco, 131 - 9.º andar — Rio de Janeiro — Brasil
Diretor Responsável: Pe. José Paulo Sales, C. M.

DOCUMENTOS PONTÍFICOS

A AJUDA APOSTÓLICA DA ESPANHA À AMÉRICA LATINA.

Carta de S. S. João XXIII ao episcopado espanhol (1)

A nossos caros Filhos, o Cardeal Henrique Pla y Daniel, Arcebispo de Toledo, os Cardeais-Arcebispos de Tarragona, São Tiago de Compostela e Sevilha, e a Nossos veneráveis Irmãos, os Arcebispos e bispos da Espanha.

Nosso coração de Pai experimenta uma viva consolação com o pensamento da nobre e fraternal ajuda trazida à América Latina, que distingue e honra o clero da Espanha. Conhecemos o edificante exemplo oferecido a todos, durante quase três lustros de incansável e sempre crescente atividade, pela meritória Obra de Cooperação Sacerdotal Hispano-Americana. Numerosos e reais são os frutos que daí extraem todos os que se beneficiam da séria e eficaz preparação que recebem os padres que frequentaram os centros dirigidos por ela. Temos igualmente conhecimento do louvável desinterêsse manifestado por diversos prelados espanhóis que, desejosos de promover ou de secundar outras iniciativas, cederam indivíduos de elite — às vêzes com uma admirável generosidade — a outros Ordinários de dioceses de além-Mar.

Mas tudo isto — unido à contribuição doutros padres corajosos de diferentes nacionalidades — embora muito importante e eficaz, não chega senão em parte a remediar o que ouvimos em Nossos contactos, com numerosos pastôres de almas vindos à Cidade eterna para tomar parte nos trabalhos conciliares e cujas angustiantes preocupações queremos partilhar.

Sabemo-lo bem que não é nôvo o grito erguido pelos bispos dêstes países quando chamam a atenção para a urgente necessidade de braços apostólicos para consolidar o que foi construído sôbre suas vastas regiões por uma tradição cinco vêzes centenária, isto é depois que a Igreja lhes abriu os braços e que lhes levou a verdade evangélica, graças a padres espanhóis, generosos e devotados, palmilhando os traços do Pe. Bernal Buil e de seus companheiros. Mas é mesmo uma coisa nova e única na história dêstes cristãos o atual Concílio, durante o qual chegam a nossos ouvidos clamores tão vivos que fazem vibrar as mais profundas fibras de Nosso coração.

De tão vastas regiões, cuja unidade repousa precisamente sôbre a comunidade de fé e fraternidade de língua, oferecem a Nossos olhos o mesmo espetáculo que contemplaram os olhos do dôce Mestre, quando fazia observar a seus discípulos a desproporção entre a messe abundante e o pequeno número de operários. Multidões esfaimadas de Deus, que se encontravam na impossibilidade de reconciliar-se com Êle pelo sacramento do perdão, quando o sofrimento causado por suas fraquezas oprimia suas consciências;

1) "Doc. Cath.", nº. 1.392 (20-1-63) p. 106).

outros sacramentos, cuja recepção protelada faz correr um grave perigo às almas; sacerdotes que vão até ao extremo limite de suas fôrças, sem encontrar ao redor de si o reconforto de um outro coração sacerdotal para compartilhar suas angústias e preocupações; seminários que, diante de uma promissora renovação de vocações, não podem proporcionar à Igreja a alegria de acolher jovens tão ricos de esperanças, por falta de ministros de Deus; tudo isto — síntese de tantas outras situações análogas — incita-Nos a vos pedir ainda uma vez, caros filhos e veneráveis irmãos, que continueis a dar uma atenção tôda particular a estas nações.

Neste momento excepcional que vive a Igreja, convém que dirijais um apêlo igualmente excepcional a vosso clero, sempre generoso e cheio de abnegação, para que, nesta circunstância histórica, renove seus esforços para ajudar irmãos que devem assumir uma tarefa para a qual o ardor incansável de suas mãos é insuficiente. O oferecimento pronto e decidido de um número maior de padres será, sem nenhuma dúvida, o dom mais agradável que podeis fazer-lhes, em lembrança e como primícias do Concílio. Êste dom suscitará na hierarquia, nos padres e nos fiéis dêstes países uma imensa e eterna gratidão a que se acrescentará aquela do "bispo da Igreja católica" que somos Nós.

Temos a certeza de que o sacrifício, tanto do apóstolo que abandona sua pátria como dos que se verão privados de sua útil assistência cotidiana, lhe será também retribuído pelo Dispensador de tôda a recompensa. Temos a prova diante de nós, de quanto é fecunda esta renúncia, nas gerações atuais da Espanha, onde o doloroso desaparecimento de tantos bispos e sacerdotes foi seguido dum esplêndido florescimento de vocações de que ela se regozija hoje e que Nos permite expor-vos, com uma confiança paternal, Nossos desejos presentes.

Pela intercessão de Santa Maria — em cujo nome a Espanha saudou pela primeira vez as terras virgens da América — imploramos do Senhor seus favores de escôlha, sôbre vós e vosso clero, e a todos dispensamos, para encorajar-vos a acatar nosso pedido, uma larga bênção apostólica.

Do Vaticano, em 17 de novembro de 1962, na festa do bem-aventurado Roque Gonzalez e de seus Companheiros hispano-americanos mártires.

João PP. XXIII.

DUAS CIRCULARES DA SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RELIGIOSOS

As dispensas para a recepção das ordens (1)

Roma, 28 de abril de 1961.
Mui Reverendo Padre,

O número 44 da instrução sôbre "a escôlha e a formação dos candidatos aos estados de perfeição e às santas ordens", publicada recentemente por

1) "Doc. Cath.", n.º 1392 (20-1-63) p. 111.

esta Congregação (2), enumera as dispensas que, dum modo geral, não se devem solicitar à Santa Sé:... As referentes à idade e a outras condições requeridas para as ordens, principalmente as ordens sacras; os estudos dum modo geral ou o estudo duma matéria determinada, a frequência a cursos, exames... No que se refere à idade, os superiores devem ter tendência a postergar antes que antecipar a recepção das ordens".

Sôbre esta questão tão importante, eis a que se restringirá esta Congregação a partir de 1 de janeiro de 1962:

1.º. Os superiores não deverão pedir poder proceder a uma ordenação sacerdotal durante o quarto ano de teologia, senão por motivos mui graves.

2.º. A ordenação sacerdotal no fim do terceiro ano de estudos de teologia não será mais permitida, senão em casos muito excepcionais e por motivos bem graves. As ordens, sociedades ou institutos seculares que tinham antes êste privilégio não poderão beneficiar-se dêle senão a partir da idade de vinte e seis anos, e se isto corresponde a uma verdadeira necessidade para a Igreja, a ordem, a sociedade ou o instituto.

3.º. As dificuldades econômicas não serão jamais consideradas como uma razão válida.

S. S. o Papa João XXIII, durante a audiência de 23 de janeiro de 1961, dignou-se confirmar e aprovar tôdas estas coisas, que devo comunicar-vos, M. Revdo. Padre, pedindo ao Senhor que vos cumule de seus dons.

Vosso fiel,

Valério Card. Valeri, pref.

F. P. Philippe, O. P. Secretário.

O espírito do mundo nos jovens religiosos (1)

Roma, 6 de outubro de 1961.

Mui Reverendo Padre Superior Geral.

À luz da constituição apostólica SEDES SAPIENTIAE e da instrução RELIGIOSORUM INSTITUTIO, esta sagrada Congregação julga oportuno hoje insistir sôbre certos aspectos da preparação disciplinar e doutrinal do jovem clero na Itália.

Não é, com efeito, raro, ver atitudes — como, por exemplo, a falta de humildade, um vivo espírito crítico a respeito dos superiores, uma concepção falsa da obediência, uma certa repulsa ao sacrifício, um julgamento que não é sempre direito no que concerne a certos problemas doutrinais — parecendo denotar uma concepção da vida que não deve ser a de um candidato ao sacerdócio.

Estas deficiências, que não devem certamente ser imputadas a deficiências da parte dos órgãos responsáveis da formação dos jovens religiosos,

2) Esta instrução não foi publicada na A.A.S.

1) "Doc. Cath.", n.º 1.392 (20-1-63) p. 111.

encontram talvez sua fonte no meio donde vêm as vocações, que é freqüentemente impregnado dum espírito laicista e mundano contrário ao espírito de mortificação e de respeitosa obediência à autoridade eclesiástica legítima.

Êste dicastério estima, pois, dever chamar vossa atenção, Mui Revdo. Padre, e a atenção de todos os que estão encarregados do govêrno, do ensino e dá formação espiritual das novas gerações de religiosos, particularmente dos que são candidatos ao sacerdócio, sôbre as recomendações seguintes:

"Que seja intensificada uma preparação dos religiosos, permitindo-lhes afrontar sem riscos ou falhas os desvios do mundo atual, com uma doutrina segura e as virtudes necessárias, especialmente a humildade, a obediência e o espírito de sacrifício. Os jovens religiosos devem particularmente ser bem formados na **sadia doutrina social da Igreja**".

Aproveito de boa mente esta carta para exprimir-vos, Mui Revdo. Pe., meus sentimentos devotados no Senhor".

Valério card. Valeri, pref.

CURSOS DE CANTO PASTORAL

Com aulas de **Canto Pastoral** (em uníssono e a vozes), **Canto Coral**, **Regência Pastoral** (para comunidades) e **Orientação Litúrgica** para participação comunitária e pastoral da Santa Missa.

No Rio de Janeiro: Tôdas as sextas-feiras às 16,00 horas na Faculdade S. Úrsula, anexo ao Instituto Superior de Pastoral Catequética.

De 4 a 14 de julho: II Curso de Canto Pastoral.

Em S. Paulo: de **22 a 28 de julho:** I Curso de Canto Pastoral.

Informações e Inscrições: Com

Cônego Amaro Cavalcanti de Albuquerque

(Secretário da Comissão Arquidiocesana de Música Sacra)

Av. Paulo de Frontin, 568

RIO DE JANEIRO — GUANABARA

PASTORAL CATEQUÉTICA

A CATEQUESE EUCARÍSTICA EM UM MUNDO TRANSFORMADO

Pe. Frei Dr. Guido Vlasman OFM.

INTRODUÇÃO

Lições da primeira sessão do Concílio

A primeira sessão do Concílio que acaba de ser celebrada, mostrou-nos com tôda evidência qual o interêsse da Igreja no momento atual da sua história: um interêsse pela prática religiosa, pela pastoral. Os Padres Conciliares se preocupam com o homem moderno e com a sociedade atual, um homem e uma sociedade que se transformaram fundamentalmente; preocupam-se com a Igreja que deve ser um Corpo vivo, formado por êstes mesmos homens modernos, que deve ser um testemunho vivo de Salvação na sociedade moderna, sal da terra, fermento entre os homens, luz do mundo, mas que de fato se tornou até certo ponto uma Instituição acima dêsses homens e à margem da sociedade. O que já tantas vêzes foi formulado por grande católicos, se tornou consciente em quase todos os setores da comunidade cristã: a Igreja está fora da vida do homem, está fora do mundo real. Isto não pode ter sido a intenção do seu Fundador!

Com esta constatação, porém, não se terminou o Concílio! Revela-se, em tôda a história dos Concílios, uma vitalidade na Igreja, uma vontade e a consciência da necessidade de se transformar, de se renovar, de se tornar vital outra vez, para cada vez de nôvo ser o fermento, o sal, a luz. Sempre haverá na Igreja esta qualidade, esta tensão entre a Igreja-Instituição, conservativa e tradicional que pensa em formas acabadas, e o Corpo vivo que tende a transformar-se e a viver. E é bom que haja esta tensão, pois a Igreja é ambos, Corpo e Instituição. Mas necessário é que todos tenhamos consciência desta tensão, para que ambos possam influenciar-se mùtuamente.

E' isto o que vemos agora, no tempo do Concílio: a Igreja-Instituição interroga a Igreja-Corpo-vivo; ela pergunta: o que podemos fazer para que o homem moderno seja influenciado e inspirado pelo Espírito de Cristo; como anunciar e transmitir a mensagem salvífica ao homem do nosso tempo, como fazê-lo viver o espírito cristão.

Ora, quais são as respostas mais "sensacionais" desta primeira sessão do Concílio? E' em primeiro lugar a rejeição do "Esquema sôbre as fontes da Revelação" (1). Isto deve ser para nós um aviso sério; também

---

1) Suponho que os leitores saibam porque foi rejeitado êste esquema. Uma interpretação e uma apreciação equilibrada pode encontrar-se na REB 22 (1962) p. 933-936 escrita pela testemunha ocular e "perito" do Concílio Pe. Boaventura Kloppenburg. Também a crônica da primeira sessão do Padre Constantino Koser, na REB, 22 (1962) p. 921-927.

nós devemos rever os nossos conceitos teológicos, e especialmente o conteúdo e o modo de propor a doutrina cristã, na pregação e na catequese. Esta rejeição é uma resposta cabal e de certo modo inesperada ao que disse o Santo Padre na sua alocução de abertura do Concílio: "quod Concilio maxime interest, hoc est ut sacrum christianae doctrinae depositum efficaciore ratione custodiatur atque proponatur" (2). A doutrina deve ser conservada e também proposta de modo mais eficaz; é este o principal interêsse do Concílio! A conservação da doutrina compete em primeiro lugar ao Concílio mesmo, e a seu chefe, o Papa de Roma. A proposição da doutrina, no entanto, depende também de nós, dos pregadores e dos catequistas. Por isso não podemos estar alheios a tudo o que acontece no campo teológico, e que parece ser uma reviravolta quase grande demais, mas reviravolta todavia sob a inspiração da Alma da Igreja, que se pronunciou atravez da Sagrada Hierarquia, no Concílio Vaticano Segundo.

A segunda "sensação" do Concílio — se bem que ardentemente esperada — e que mostra de modo evidente o interêsse primordial dos Padres pela pastoral, é a aceitação, por parte pràticamente da totalidade, do esquema litúrgico, i. é a aceitação da renovação litúrgica que visa pôr a liturgia novamente no centro da vida cristã, desligando-a das "instituições" em que estava amarrada.

Será necessário preparar-nos a nós mesmos e aos nossos fiéis, para que haja uma aceitação interna e total, se bem que lenta e progressiva, das decisões conciliares a respeito da Liturgia, inteirando-nos das causas históricas, teológicas e psicológicas que provocaram estas decisões, estudando as necessidades pastorais e os justos desejos do povo católico, as mudanças no modo de viver e de encarar certas verdades espirituais e certas práticas religiosas, que estão à base. A reforma que o Concílio — sob manifesta inspiração do Espírito Santo — julgou necessária, deve encontrar corações abertos e terra fertil, a fim de não acontecer — como aconteceu com tantas decisões conciliares no passado — que por causa da nossa lentidão o povo católico deva esperar anos e dezenas de anos pela execução de reformas que foram tomadas para o bem pastoral e espiritual da Igreja de hoje. Uma mudança brusca será pastoralmente indesejável e ineficiente, contraproducente até, mas sim é necessária uma transformação lenta e progressiva que supõe e inclui tôda uma educação e uma catequese.

E aquí se encontram a catequese e a liturgia. O problema religioso do Brasil parece ser primàriamente um problema de instrução catequética. A ignorância religiosa, origem e causa talvez mais importante da situação religiosa do nosso país, só pode ser solucionada por uma catequização eficiente (3).

---

2) Osservatore Romano, Venerdi, 12 ott. 1962, p. 2.

3) cfr. A. Negromonte, A salvação do Brasil depende do clero, in REB 19 (1959) p. 3.55. G. Kurth escreve, com tôda razão: "Selon moi, l'une de plus grandes causes de l'ignorance religieuse, sinon la plus grande, C'est l'ignorance liturgique". (apud Guy de Bretagne, *Pastorale Catéchétique*, p. 236).

A importância da catequese eucarística

De particular interêsse é então a catequese litúrgica, ou — especificando mais — a catequese eucarística. A Eucaristia é de fato o centro de tôda a liturgia! E é ainda o exercício vital da religião no seu auge.

Vejamos p. ex. no nosso ambiente: a catequese da primeira comunhão é pràticamente a única instrução religiosa sistemática que todos, sem exceção, recebem; é para todos o primeiro — e para muitos infelizmente o último — contato com a proclamação regular da fé. Esperemos que se mude depressa êste fato, mas não podemos deixar de contar por ora com esta situação-de-fato.

A catequese da primeira comunhão tem, porém, uma importância tôda especial no plano cristão-vital: ela prepara diretamente ao sacramento eucarístico, completando a iniciação religiosa sacramental. A Eucaristia é o último dos sacramentos de iniciação, e a primeira comunhão é a primeira participação completa e adulta no mistério da salvação, celebrada na Eucaristia, uma participação que faz do homem batizado e confirmado um cristão adulto: depois da primeira comunhão deve êle pôr em prática os deveres específicos de cristão, i. é, êle deve assistir à missa dominical e fazer a Páscoa, ambos deveres relacionados com a Eucaristia. E nem falamos ainda no plano pròpriamente teológico!(4)

De fato, a catequese da primeira comunhão prepara para a vida cristã adulta, iniciando o pequeno batizado no centro da religião vivida, na Eucaristia. E esta, a celebração eucarística, é de outro lado pràticamente o único contato regular com a instrução religiosa que se administra na missa dominical!

Esta importância da catequese da primeira comunhão, e de tôda a catequese eucarística, faz com que ela esteja hoje no centro da atenção (5). Fala-se e escreve-se muito a respeito dela: apontam-se as deficiências da catequese eucarística tradicional, não apenas no plano psico-pedagógico ou metodológico, mas no plano pròpriamente teológico; apresentam-se tentativas de reorientação e reorganização desta catequese, baseando-se na renovação teológica — influenciada no que toca à Eucaristia pelo Movimento Litúrgico — e na renovação catequética.

Por isso tudo será talvez útil — também em função das decisões do Concílio Vaticano II — introduzir os leitores nos problemas da catequese eucarística e na evolução teológica que se operou nela nos últimos 100 anos.

---

4) Num outro artigo espero tratar da importância teológica da primeira comunhão, precisamente como foi a iniciação sacramental, e o tornar-se adulto na Igreja e na comunidade paroquial. E não apenas no plano dos deveres religiosos.

5) O livro recente de Mons. A. Negromonte *"Preparação para a primeira comunhão"* (Rio de Janeiro, 1961), começa com a frase significante: Na renovação catequética, que se verifica pelo Brasil inteiro, há uma acentuada preocupação de melhorar a preparação para a primeira comunhão" (p. 9). Esta preocupação não existe apenas no Brasil mas por tôda parte, especialmente na Europa Central.

Uma boa compreensão da teologia da Eucaristia, e uma tomada de consciência crítica da sua catequese, pode ajudar-nos a rever a nossa própria catequese eucarística — se necessário — ou ao menos pode fornecer-nos uma espécie de teste com que podemos julgar o nosso modo de propor a Eucaristia. Dêste modo podemos preparar os fiéis, a nós confiados, a uma aceitação inteligente das reformas litúrgicas, e assim a uma melhor vivência do auge da prática religiosa, a Santa Missa.

Esquema desta série de Artigos

No primeiro artigo da série que ora iniciamos, propomo-nos tratar do lugar da Eucaristia na catequese, ou antes do lugar que a Eucaristia nela deve ter. Partindo dos princípios que regem a catequese — e tôda a pastoral —, confrontando êstes princípios com a catequese tradicional, chegaremos a esboçar — se bem que vagamente — o lugar e a posição central que compete à Eucaristia em tôda proclamação catequética da fé.

Num segundo artigo entraremos na catequese eucarística pròpriamente dita, a catequese do sacramento eucarístico, descrevendo de modo crítico a C. E. (catequese eucarística) tradicional, especialmente quanto ao seu conteúdo doutrinal. Isto em confronto com a teologia eucarística recente.

Num terceiro artigo esboçaremos um breve histórico da sua evolução, que se operou no nosso século e que passou de uma "Catequese da Presença", pela "Catequese da Comunhão" à "Catequese da Eucaristia".

Num quarto artigo tentaremos dar alguns princípios metodológicos — de pedagogia humana e pedagogia divina — que regem a C. E. recente, para nos dois últimos artigos expor como, na literatura catequética moderna, a Eucaristia vem sendo proposta.

I — A CATEQUESE E A EUCARISTIA

Pastoral e Teologia

Para compreendermos bem a renovação que se opera na catequese eucarística, devemos, antes de tudo, ver a transformação na catequese em geral. Esta renovação proveio, ao nosso aviso, principalmente de uma transformação de mentalidade do homem moderno. De fato, a transformação da sociedade em que vive o homem, e conseqüentemente a lenta desligação dêle das tradições que plasmaram a sociedade dos séculos passados e obrigaram o homem a um modo de viver — inconscientemente — que nem sempre era determinado por uma autêntica convicção, esta transformação causou também uma grande mudança de orientação na catequese. O homem, desligado das tradições que fundamentaram pràticamente a sua fé e sua prática religiosa, se vê obrigado — já que lhe falta agora êste fundamento — a rever estas tradições, julgá-las, conservando aquelas que ainda lhe dizem respeito, rejeitando aquelas que não têm mais sentido para êle. Mas já que êle tem uma posição crítica diante das tradições, estas não podem guiá-lo mais. Necessàriamente êle vai à procura da essência dos valores religiosos, ou mais

exatamente vai êle à busca de algo que pode satisfazer às suas aspirações religiosas...(6).

Não nos iludamos, nem pensemos que no Brasil, na roça ou na cidade, não chegamos ainda a esta transformação, e à desligação com a tradição cristã. Pelo contrário, a transformação está em plena ação, e é por isso que a Igreja pode ainda intervir, orientar e em certo modo dirigir a transformação: esta não terminou ainda sem a Igreja, como na França p. ex. Evidente é a tarefa que cabe à catequese, de ajudar a sociedade-em-transformação a encontrar as verdadeiras bases religiosas!

De outro lado, pela quase hiper-saturação da sua inteligência com um saber preciso das ciências exatas, procura o homem moderno, consciente ou inconscientemente, na religião, o mistério e a fé. Não lhe pode satisfazer um método teológico ou catequético que mais do que levar à fé e introduzir no mistério, quer fundamentar a fé e desvendar o mistério.

A catequese deve orientar-se por êstes fatos. No passado estava ela orientada pelo método da teologia especulativa. Esta, sendo um estudo sistemático e analítico do dogma, aprofundando os problemas que êste propõe, não tem como finalidade direta e primeira a prática vivida da religião, mas a inteligência e a compreensão da doutrina. A especulação teológica é por isso limitada no seu conteúdo — não quer tratar tanto a religião sob todos os seus aspectos, mas mais os problemas teológicos da religião; ela tem um método próprio, analítico, que separa as verdades, para as estudar a parte, e ela tem uma finalidade unilateral, existencialmente falando, i. é uma maior inteligência do dogma. Como tal ela não pode ser o fundamento da prática religiosa que requer outras qualidades e propriedades.

A teologia pastoral, no entanto, estudando a interrelação de Deus e do homem na salvação dêste, tem como finalidade direta traçar as linhas e estabelecer os princípios e bases para fazer viver ao homem concreto a sua salvação; o seu método visa de um lado a ação de Deus, e de outro lado a ação e colaboração do homem concreto na sua situação atual e existencial (7). O seu conteúdo teológico é a ação salvífica de Deus na Igreja, como esta vem sendo anunciada e transmitida ao homem e ao mundo concreto-atual, e por êste vivida. Aquí, aliás, já passamos à "pastoral" pròpriamente dita, i. é, a ação existencial da Igreja em construção e em crescimento, realizando a sua missão salvífica no mundo e nos corações dos homens.

O verdadeiro fundamento teológico da pastoral e da prática religiosa será portanto a teologia pastoral (8).

---

6) Não está talvez nisso o crescente interêsse mostrado pelo espiritismo...?

7) V. Schurr, o conhecido teólogo pastoral, no seu curso (inédito) no Alfonsianum de Roma (*De cura pastorali missionaria*, Roma, 1962) escreve: "Vox actualiter indicat notam distinctivam theologiae pastoralis. Disciplina dogmática ex. gr. non habet objectum docendi quomodo Ecclesia immediate, hic et nunc, curet salutem animarum. Quod Teologiae Pastoralis est proprium" (p. 1).

8) A Teologia Pastoral, entendida então como o estudo dos princípios teológicos da ação salvífica e os vários meios da sua transmissão e realiza-

Não se nega com isso o valor da especulação dogmática para a prática religiosa; pelo contrário, ela não é apenas útil, mas necessária. Mas ela não é fundamento da prática religiosa. "A dogmática tem uma tarefa normativa em relação à pastoral e à pedagogia cristã", diz o teólogo Carlo Rahner (9). E' por isso que a catequese, disciplina eminentemente pastoral, "deve tomar os seus princípios da teologia pastoral, e não da teologia especulativa, senão para controlar a sua ortodoxia" é a conclusão de Guy de Bretagne (10). Pois a catequese é essencialmente determinada pela adaptação pastoral, isto é a adaptação ao homem concreto que quer corresponder à ação de Deus e cooperar para a sua própria salvação. E isto porque a finalidade da catequese não é outra que anunciar ao homem concreto a Boa Nova para que êle dela viva!

O Duplo aspecto da catequese

A catequese não é uma explicação objetiva e fria da doutrina católica, mas uma transmissão, uma proclamação do "Verbo Divino". Ela se dirige — como o Santo Padre inculcou mais uma vez na sua já citada alocução de abertura para o Concílio — ao homem inteiro: "Haec doctrina integrum complectitur hominem"... (11). A finalidade da catequese não pode ser só e apenas o conhecimento e a inteligência das verdades religiosas, mas ela quer ser uma iniciação no mistério da salvação, afim de que êste mistério não seja apenas conhecido, mas mòrmente seja crido e entre na vida do homem. Assim como a salvação se dirige ao homem inteiro, assim deve a sua proclamação dirigir-se ao homem total.

Isto quer dizer que a catequese tem um duplo aspecto, um de caráter mais intelectual e doutrinal, dirigida como é ao conhecimento da verdade, **ao objeto da fé;** o outro de caráter mais vital e existencial, dirigido ao sujeito da fé, à experiência vital e prática vivida da religião, dirigida **ao ato de fé.**

Já se vê que uma catequese, entendida assim, requer um método eminentemente pastoral, um método que, ao lado de comunicar e explicar a doutrina, seja também iniciação na prática religiosa, um método pelo qual o catequizando apreende esta experiência vital, um método que dá a possibilidade de o catequizando confessar pessoalmente o objeto da fé, comunicado na doutrinação. Ou, em outras palavras, a catequese deve dar também uma

---

ção. Não é longe de nós o tempo, em que a Teologia Pastoral era considerada uma parte da Teologia Moral, referente à moralidade da ação pastoral dos "pastores".

9) K. Rahner, *Messopfer und jugendaszese,* in *Sendung und Gnade, Beitrage zur Pastoraltheologie,* (Innsbruck, 1959) p. 52. E acrescenta o autor que não devemos pensar que quando temos compreendido bem profunda e fundamentalmente o dogma, que dele (dogma) podemos agora tirar os princípios justos e eternos para a nossa prática religiosa...

10) GUY DE BRETAGNE, *Pastorale Catéchétique,* Paris, 1953, p. 374 cfr. também para uma visão mais ampla da relação entre teologia especulativa e pastoral como fundamento para a catequese as pgs. 193_203.

11) Osservatore Romano, Venerdi, 12 Ott, 1962, p. 2.

experiência vital e vivida da religião, uma iniciação e uma abertura para a experiência religiosa, uma iniciação no mistério enquanto vivido: ela deve dirigir-se para a prática religiosa e orientar-se por ela. E quando digo "prática religiosa" não quero dizer apenas algumas expressões exteriores de religiosidade, mas entendo aquela ação, de que falamos acima, a ação salvífica do homem, enquanto colaboração com a ação salvífica divina.

O que dizer da catequese tradicional

Se considerarmos à luz dêstes princípios a catequese do século passado e do começo do nosso século, devemos dar razão à onda de crítica que se levantou contra ela. "A catequese inteira se fixou nos moldes de uma época que já passou", escreve Guy de Bretagne (12), e não apenas quanto ao seu método, mas também no que se refere à sua finalidade e ao seu conteúdo doutrinal. O catecismo era mais uma "súmula de teologia condensada" a ser memorizada; e a catequização se reduzia ao puro ensino de algumas verdades teológicas — às vezes bem particulares ainda, como temos ocasião de demonstrar ainda quanto à catequese eucarística — sem nexo com a vida do catequizando, sem unidade interna e sem dar uma visão total da nossa religião. Êste modo de ensino era talvez suficiente numa época em que o ambiente mesmo era religioso e bastava como fundamento da prática religiosa — se bem que aquí é fácil entender "prática religiosa" como "desobriga", i. é, fazer aquêles atos de religião que a gente "deve" fazer, porque as leis da Igreja dizem isso: o que reduz a prática religiosa à observância de algumas leis positivas, sem que ela haja um conteúdo espiritual e teológico; ou, em outras palavras, é fácil assim que a religião se vai reduzindo a algumas leis, e a prática da religião a um legalismo externo e frio...

Mas em todo caso, a sociedade moderna, uma sociedade de que não se pode dizer que é religiosa, que não dá por si mesmo — por aquilo que vive nela e se transmite espontâneamente entre os seus componentes — uma intuição total da doutrina nem um ambiente em que a religião é ainda um fator sócio-cultural importante, uma sociedade que por tudo isso não é garantia suficiente de uma prática religiosa pessoal e consciente, uma tal sociedade não pode ser fundamento e sustentáculo da vivência religiosa. E uma catequese que supõe um tal ambiente, não pode hoje alcançar a sua finalidade. Ela deve dar um conhecimento da fé, sem dúvida, mas em função de uma vivência pessoal da fé, i. é, em função do homem concreto que vive num ambiente concreto; ela deve levar à prática consciente da religião, e por isso fazer entrar nela os elementos que no passado podiam ser suprimidos pela situação em que o homem vivia: os elementos pastorais, a iniciação na prática religiosa.

Apologia ou anunciação da boa nova

O caráter mais ou menos apologético e anti-reformatório da catequese — como da teologia especulativa — era justificável numa época em que as

12) Op. cit. p. 375.

oposições doutrinárias eram grandes e se devia cuidar da pureza da fé, suposta sempre uma sociedade fundamentalmente religiosa. Uma consequência inevitável — e compreensível, visto que a teologia é uma ciência humana, suscetível das limitações psicológicas humanas — dêste caráter apologético da catequese era uma orientação às verdades parciais: daí certa mudança de equilíbrio, certas acentuações (13) que por excesso de oposição levaram ao contrário, unilateralidades não certamente na doutrina da Igreja, mas no ensino de certos teólogos e de certas épocas, e sobretudo na pregação e na prática da cura de almas. A prática pastoral deixou guiar-se em certo sentido pelas opiniões teológicas particulares, pelas apreciações pessoais, pelos gostos religiosos e pelas necessidades polêmicas, perdendo de vista muitas vêzes a realidade total da Revelação.

Certa apologética, determinada pela situação e ambiente concretos, sempre será necessária, mas não pode nunca determinar a própria catequese de tal modo que a domine totalmente. A apologética contra o espiritismo, contra o comunismo e o protestantismo é necessária ainda, no nosso ambiente, mas só até que êstes deixam de ser perigo para a fé daqueles que nos foram confiados. Creio todavia com Jungmann, que na maior parte do nosso país, e para a maior parte dos nossos compatriotas, "a oposição aos cristãos do nosso tempo não vem mais da parte da heresia, mas antes da irreligiosidade mais completa" (14), do materialismo, tecnicismo, liberalismo e positivismo, e de uma mentalidade de bastar-se a si mesmo.

A catequese, conseqüentemente, deve voltar outra vez à sua função original, que podemos apreender das catequeses dos Padres: anunciar a Boa-Nova na sua totalidade e numa visão panorâmica, para que o homem possa conscientemente viver a sua fé e emergir-se no mistério da salvação.

O catecismo de então

Os catecismos, feitos em perguntas e respostas, dispostos como súmula de teologia dogmática — como os de Pedro Canísio, Deharbe, Gasparri e Pio X, para enumerar os que tiveram mais influência na confecção dos catecismos nacionais e diocesanos — têm e conservarão sempre o seu valor, também hoje. Mas êste valor é equivalente ao valor da teologia especulativa de que são o resumo sistemático, i. é, esta espécie de catecismo será

13) F. X. Arnold, no seu livro *Il ministero della Fede* (trad. do original alemão, Alba, 1953, p. 7) fala de acentuações de tipo pelagiono-naturalístico, jansenista-sobrenaturalístico, maniqueu, monofisita, anti-reformista e de outros gêneros ainda. Cfr. para esta crítica à catequese e pastoral dos séculos passados tôda a obra de F. X. Arnold, especialmente *Grundsatzliches und Gechichtliches zur Theologie der Seelsorge* (Freibug, 1949), e *Seelsorge aus der Mitte der Helsgeschichte* (Freiburg, 1956) e ainda P. HITZ, *L'annunzio missionario del Vangelo*, Roma, 1959. Para uma pastoral bem orientada é necessário saber de onde a pastoral atual provém, e quais as causas que determinaram uma tal ação determinada no passado. Pois muitos traços de uma pastoral do século passado ainda perduram no nosso tempo, sem, porém, que haja motivo suficiente na situação concreta para continuar uma tal pastoral.

14) J. JUNGMANN, *Catechetica* (trad, it., Alba, 1956) p. 111

norma e critério oficial da ortodoxia da catequização, não, porém, o seu fundamento ou seu método pedagógico. Por isso será sempre necessária a existência de um catecismo oficial (em forma de perguntas ou não), proveniente da hierarquia de uma determinada região, e sempre será necessária a sua adaptação contínua ao progresso da teologia e às oposições à fé numa determinada época ou num determinado ambiente.

Mas o catecismo como o conhecemos geralmente (em forma de perguntas) não serve mais como "livro de aluno", ou pelo menos não pode ser mais o único livro de religião nas mãos do povo. E isto não apenas porque não basta a decoração e memorização de algumas fórmulas teológicas para que o homem moderno viva a sua fé. Isto podia ser remediado fàcilmente por uma catequese eficiente que vai além dêste catecismo e que não se reduz à explicação-apenas das respostas. (E' claro que uma "catequese explicativa" do catecismo cortaria a doutrina em pedaços; e é completamente diferente de uma "proclamação da Boa-Nova").

Mas devemos lembrar-nos sobretudo que os catecismos "oficiais" (de perguntas e respostas) são de fato — e não podem ser quase outra coisa — um resumo da teologia dogmática. Esta tenta explicar a doutrina em palavras claras, em conceitos compreensíveis e definições analíticas. Uma catequese à base dêste catecismo revela "uma tendência, diz M. Fargues, que quer sugerir idéias claras, esquecendo-se, porém, que estas idéias claras são, muitas vêzes e na catequese, idéias falsas que deformam o mistério... As fórmulas claras e precisas, certamente quando elas vêm prematuramente, fixam embriões de idéias informes e monstruosas" (15).

Não se nega com isso a utilidade de falar em têrmos claros, mas uma coisa é transmitir a Boa-Nova, que é vida, que é um caminho, que é a Salvação na Pessoa de Jesus Cristo, e isto em têrmos claros e inteligíveis, outra coisa é transmitir a formulação fria e seca de uma verdade religiosa, que a criança deve decorar então. E mais ainda, não existiria o grande perigo, quando nos orientamos e baseamos apenas no tal catecismo oficial, que "a letra passe diante do espírito? Não está também nisso, pergunta M. Fargues, a causa do enfraquecimento da fé entre os nossos jovens?..." (16).

E' interessante notar que, p. ex., o "catecismo da primeira comunhão" recebeu, desde o começo dêste século, uma crítica forte, a começar pelo próprio S. Pio X. Conforme êle devia bastar o ensino oral (17)! A primeira finalidade do catecismo (sempre entendido na sua forma de perguntas e respostas ou de uma formulação teológica) e certamente do catecismo da primeira comunhão, é não de fazê-los apreender de côr pelas crianças, mas de servir de norma ao catequista!

(Continuará no próximo número).

15) M. FARGUES, *Introduction Générale à l'initiation au sacrément de l'Eucharistie* in *Vérité et Vie*, ficha 105, p. 2.

16) idem, p. 3.

17) cfr. TROUILLER, *Études eucharistiques sur la prémière communion des enfants*, Paris, Lyon, 1925, p. 86. Cfr. tb. D. LLORENTE, *Tratado elemental de Pedagogia catequística*, Valladolid, 1959 p. 401.

FORMAÇÃO RELIGIOSA

PAPEL DA PSICOLOGIA NAS COMUNIDADES RELIGIOSAS (1)

Irmão Henrique Justo F.S.C.

1 — O drama da formação da personalidade.

Do ponto de vista psicológico, o mais importante dos processos para o indivíduo é o da adaptação, que vem a ser o processo do seu ajustamento às exigências da sua própria natureza e às do meio.

Se não fôr capaz dessa adaptação, é que é, em grau maior ou menor, vítima de fôrças internas ou de pressões vindas do exterior.

A criança caracteriza-se pelas funções globais e indiferenciadas. De início, confunde-se com o ambiente materno. Gradualmente, conquista maior autonomia em razão da iniciativa pessoal no processo de adaptação. À medida que aumenta essa capacidade, dispensa a intervenção do adulto.

Paralelamente a essa progressiva diferenciação das funções, desenvolver-se-á o processo de integração: graças a êle, são as novas experiências aproveitadas para a estruturação da personalidade.

Cada fase evolutiva — ensina o Dr. Sinadon — distingue-se pela aquisição de aptidões motrizes e sensoriais, de funções afetivas e intelectuais sempre mais diversificadas e autônomas.

Ao longo dessa evolução, deve a capacidade integrativa assegurar a unidade do processo, assim como a disposição dos diferentes materiais é orientada pelo construtor para dela resultar o edifício planejado.

À proporção que avança em idade, deve a criança alimentar-se de outros elementos além do leite para satisfazer as necessidades dos organismo. Mas essa ingerição pressupõe o suficiente desenvolvimento dos mecanismos de assimilação.

Algo de parecido ocorre com o psiquismo: as novas exigências de cada fase evolutiva devem vir acompanhadas de correspondente capacidade de integração.

O **equilíbrio da personalidade** resulta da relação harmoniosa entre duas tendências:

— evolução;

— e conservação.

O indivíduo tem que aperfeiçoar-se, amadurecer psìquicamente — isto é, **transformar-se** — em cada uma das fases da vida (infância, adolescência, maturidade, velhice) e, ao mesmo tempo, **deve ficar êle mesmo.**

Ocasiões há em que as transformações se precipitam, ocasionando as

---

(1) O presente artigo é o capítulo introdutório ao opúsculo "Os temperamentos na Vida Religiosa" que será lançado no segundo semestre do corrente ano pela Liv. S. Antônio, Rua da República, 801 — Pôrto Alegre.

crises evolutivas. O barco sai do rio mais ou menos calmo, para atravessar-lhe uma corredeira. Há sacudidelas, ameaças de capotagem, talvez. Em todo o caso, perda mais ou menos acentuada da estabilidade. O psiquismo consciente foi tomado de surprêsa pelos dinamismos sub-racionais e afetivos em ebulição. O barquinho deverá atravessar ileso êsse trecho tumultuário graças à perícia do navegador. Será capaz disso se a evolução se tiver processado normalmente.

"Essas aberturas sucessivas, escreve Marc Oraison — mesmo quando tudo acontece do melhor modo possível e sem neurose — sempre estão marcadas de um caráter dramático. Realmente, é próprio do drama desenrolar-se na direção de uma saída lógica, através de peripécias que entravam e complicam êsse desenvolvimento. Há, nêle, como que uma fôrça obscura fazendo surgirem ou brotarem os acontecimentos; e de modo tal que uma solução, às vêzes, se impõe com mais precisão e firmeza do que se não houvesse obstáculos.

"O desenrolar dramático é um dinamismo positivo e aberto; e nisto — como observa, com segurança, G. Thibon — é o contrário da ação trágica; esta, sim, está encerrada num verdadeiro ciclo infernal" ("Ilusão e Angústia", Editôra Herder, 1961, p. 126).

Um pouco adiante adverte o mesmo autor:

"Não há história humana singular, totalmente isenta de frustrações, ao menos pequeninas. O ser humano não pode progredir no seu desenvolvimento natural sem viver como que de sucessivas situações de destruição. É o próprio poder de sua tensão para a existência que o arranca de situações transitórias; no entanto, êle se apegava a elas, uma vez que não havia esgotado, totalmente, suas virtualidades.

"E é preciso ser capaz de morrer suficientemente para tais situações caducas, a fim de poder continuar vivendo de modo positivo, isto é, procurando aumentar e enriquecer suas virtualidades de diálogo e de troca.

"Se não houver passagem de um estádio para outro — mesmo à custa de frustrações e de uma certa "morte" — será, então, a própria contradição da neurose ou da demência; porque, convém repetir: a vida não pára" (Id., ib., p. 133).

2 — Perturbações psíquicas.

Se, devido a qualquer deficiência, o homem não conseguir "satisfazer suas necessidades, adaptar-se ao mundo cósmico, às pautas culturais" (Madre Maria Cristina, "Psicolpatologia", S. Paulo, 1958, p. 44), sobrevirá uma frustração ou ecludirá conflito mais ou menos pronunciado, ocasionando correspondente inadaptação.

"O conflito — como ensina acertadamente Roberto Zavalloni, O.F.M. ("Educação e Personalidade", Editôra Vozes, 1956, p. 29) — não é necessàriamente um mal. Pernicioso é, não o conflito em si mesmo, mas a ausência de solução ao conflito. Ora, o fator de maior monta é precisamente êste de não poder ser feita a integração da personalidade senão através da solução

dos conflitos sofridos. Mas não basta uma solução qualquer do conflito. Cumpre seja ela pessoalmente, moralmente e socialmente aceitável".

Que é que supõe a solução de um conflito?

"Em sua mais elevada expressão, a solução de um conflito implica uma avaliação de diferentes alternativas, decisão em favor de um dos elementos em conflito. O problema da adaptação em relação ao conflito é de particular importância para o estudo da idade evolutiva. Essa fase da vida do homem é caracterizada por maior ou menor falta de integração da personalidade: a instabilidade, o conflito, a tendência marcada à não adaptação, tudo isto é índice de deficiência no contrôle integrativo" (Id. ib.).

A perturbação gerada por eventual não solução, poderá ser leve ou revestir caráter de maior gravidade, com possibilidade de desembocar em neurose ou psicose.

Não há personalidade cuja complexa estruturação não apresente falhas.

Na maioria dos casos, desconhecemos as anomalias psíquicas que os indivíduos trazem em estado latente. Às vêzes, para aparecerem, é suficiente conflito de pequenas proporções. São como mecanismos de extrema delicadeza: ínfimo abalo basta para lhes perturbar o funcionamento. Com as devidas precauções, poderiam tais pessoas atravessar a vida sem anormalidade aparente. Por ignorarem o grau de resistência psíquica dos inferiores — embora, em muitos casos, possam intuir a vulnerabilidade de certas almas — não sòmente não lhes será permitido, sem graves razões, expô-los a tensões excessivas, mas, ao contrário, devem os superiores facilitar-lhes ao máximo o processo de adaptação.

Não esqueçamos o ensinamento de Alexander:

"As tendências neuróticas estão latentes em qualquer pessoa. Quando alguém fica exposto a dificuldades acima de sua capacidade de adaptação, essas tendências podem ficar estimuladas à ação e ocasionar estado neurótico agudo. Os estados neuróticos agudos podem aparecer em pessoas cujo "eu" sempre funcionou bem no passado" (Franz Alexander, "Terapeutica Psicoanalítica", B. Aires, 1956, p. 27).

O grau de vulnerabilidade em face de situações difíceis e de fracassos varia extraordinàriamente de indivíduo a indivíduo. O certo é que, chegando ao limite de resistência, a tensão degenera em desequilíbrio psíquico.

Aos superiores cabe, inspirados na caridade e na prudência, facilitar a adaptação mais completa possível dos súditos. Do grau de adaptação depende o grau de felicidade experimentado pelo indivíduo. Evidentemente, pode o religioso, como o Apóstolo, exultar em meio às tribulações. Mas, se o superior deve ser **pai** e a superiora verdadeira **mãe**...

3 — Variações individuais.

A estruturação do psiquismo é, portanto, processo dinâmico que dura a vida inteira.

"O homem deve chegar à plena maturidade; tornar-se árvore frondosa,

de copa bem formada, carregada de frutos que ficam para a eternidade; à sua sombra se recolhem os homens e em seus galhos se assentam os passarinhos do céu "(Frei Valfredo Tepe, O.F.M., "O Sentido da Vida", Bahia, 2.ª ed., 1959, p. 57).

A diversidade que aparece nas plantas de um jardim também se manifesta, para olhar atento, no psiquismo das pessoas, e mais variada ainda, sobretudo mais dinâmica. Êsse dinamismo provoca, não raro, mudanças inopinadas que deixam o observador perplexo.

Cada qual tem sua apresentação exterior característica, seu rítmo de desenvolvimento, seu tempo de floração, seu rendimento próprio de acôrdo com o vigor da muda, a natureza do solo (hereditariedade), os cuidados do jardineiro...

'Devemos aceitar a variedade de temperamentos: ninguém pôde escolher o dêle. Cada qual deve aceitá-lo e procurar do seu o máximo de proveito. O mais humilde instrumento bem manejado concorre para as maravilhosas interpretações da orquestra.

Não basta, embora seja fundamental, atitude acolhedora. Devemos respeitar o estilo de trabalho, as preferências etc., decorrentes da constituição inata. Isto não implica na aprovação das falhas. Absolutamente. Mas supõe que procuremos orientar o nosso temperamento e, tanto quanto nos compete, o dos outros, segundo as linhas que lhe são próprias.

Os fertilizantes, os enxertos, as escoras, a poda... devem adaptar-se à natureza e às condições individuais de cada planta.

Se alguém veio ao mundo — para usar outra imagem — com projeto de estilo gótico inscrito no psiquismo, não o obrigaremos a levantar edifício de estilo romano ou barroco. Trataremos de fazer-lhe evitar os exageros, eventuais erros de alinhamento, de cálculo... Procuraremos, de acôrdo com as conveniências, com que retarde ou acelere o rítmo dos trabalhos. Convencê-lo-emos, em suma, de realizar bela construção de acôrdo com os traçados da planta.

Ensina o Irmão Paul Griéger, F.S.C.:

"Uma das finalidades da orientação é fazer agir de tal maneira que tôdas as linhas de fôrça do caráter sejam utilizadas ao máximo e de modo ótimo em vista do desenvolvimento da personalidade total do indivíduo, em vez de abandoná-lo aos caprichos das tendências" (Revista "Journée de la Vocation", Mônaco, fevereiro de 1962).

4 — Noções de caracterologia facilitam a convivência.

O conhecimento das variações individuais propicia a compreensão do porquê desta ou daquela atitude, desta ou daquela preferência, capacidade, gôsto...

O fato de fulano ser fleumático explicará, por exemplo, as profundas divergências que dêle me separam, a mim, nervoso ou instável. Se o primeiro é pouco emotivo, calmo, dinâmico, embora sem demonstrações, e de ritmo lento — eu sou muito excitável, mais agitado que ativo, avêsso à reflexão

ponderada. Eu prefiro artes, literatura... o outro, ciências exatas. Eu vivo mais despreocupado, a improvisação é dos meus hábitos; o fleumático detesta as aventuras: quer atividade planejada.

Para compreender o outro, suas reações, atitudes, apreciações, desejos... devo colocar-me no lugar donde êle contempla o mundo, e verei como é diferente êste panorama daquele que aprecio da minha casa, de outro ângulo, isto é, através do meu temperamento.

Do sabiá não esperarei vôos de águia, porém, melodia encantadora. Não estranharei que o trem não possa correr na melhor estrada de asfalto: as aptidões congênitas limitam as nossas possibilidades, às vêzes, de modo drástico.

Qaunto maiores as deficiências inatas, mais urgente é a intervenção auxiliar de fatôres externos para supri-las.

5 — Psicologia e direção espiritual.

As vantagens do conhecimento dos indivíduos para mais eficiente administração temporal são evidentes.

E para a direção espiritual?

É preciso evitar duas posições extremas, apontadas, entre outros autores, por Alejandro Roldán, S.I. ("Introducción a la Ascética Diferencial", Madrid, 1960, p. 123 e 124):

Por um lado, "pensar que com acertada direção psicológica e humana, sem preocupar-se especialmente com armazenar espírito sobrenatural, se pode ser excelente diretor de almas... Do outro, existe perigo não menor que deve ser assinalado: o dos que julgam poderem dirigir com tôda a perfeição sem nenhum conhecimento de Psicologia Pastoral, bastando a prudência, experiência e senso comum".

Qual é, então, o papel da Psicologia, afastadas essas duas atitudes extremistas e errôneas?

Que a primeira concepção — dos que minimizam o elemento sobrenatural — seja a mais perniciosa ressalva do seguinte parágrafo de A. Godin, S.I.:

"A finalidade da ação pastoral é a santificação das almas; mas êste é seu fim remoto, último e, por assim dizer, indireto. Sòmente Deus, com efeito, por sua graça, pode santificar as almas que não Lhe recusam o oferecimento gratuíto. **À ação pastoral pròpriamente dita cabe sòmente o dispor os meios de santificação** de tal modo que o dom de Deus seja melhor proposto, mais segura e mais plenamente assimilado e, finalmente, produza melhores frutos".

"Não há dúvida: santificação, em si mesma, só depende extrìnsecamente das disposições estudadas pela Psicologia Científica. Mas a mais perfeita apresentação dos meios de santificação depende intrìnsecamente dela. E' em função desta finalidade modesta, mas essencial, que a Pastoral sente a necessidade de certas informações e de certas técnicas psicológicas que escolherá e utilizará em vista dos seus fins" (Nouvelle Revue de Théologie, fev. de 1958, p. 169: "Pastorale et Psychologie").

Outro parágrafo do eminente autor é igualmente elucidativo:

"A relação pastoral concreta é animada de duplo movimento que obriga a conformar-se a dupla lei:

— exigência de fidelidade;

— e exigência de adaptação.

"De um lado, o pastor manifestará, tanto na sua pessoa como nos métodos pastorais, a fidelidade à pessoa do Cristo, que representa, e aos valôres cristãos que propõe em nome da Igreja.

"Do outro, comunicará êste espírito, recorrendo, necessàriamente, a meios externos (pregação, palestras, organizações sociais, direção individual) consideràvelmente influenciados pelas disposições psicológicas e os hábitos sociais do próprio pastor e das pessoas às quais se dirige.

"Em vista de tornar esta manifestação e esta comunicação mais autênticas e mais eficazes, lucrarão os pastôres se conhecerem e, tanto quanto possível, reformarem suas próprias deficiências psíquicas (e não sòmente os defeitos morais) e, particularmente, as deficiências que interferem nas relações com as pessoas sob sua jurisdição pastoral, a fim de serem modelos do rebanho (I Pdr. 5, 3 — "Nouvelle Revue de Théologie, n.º cit., p. 163).

Permita-me o leitor mais esta transcrição importante:

"Se Deus fala mesmo através das deficiências psíquicas do pastor, não é devido a essas deficiências que Êle fala melhor mas, talvez, por causa da humildade e das outras virtudes morais do seu ministro, que, apesar dos desejos e esforços, continua a sofrer por causa dessas insuficiências e se empenha por remediá-las" (Id. ib., p. 170).

◉ ◉ ◉

Não sòmente não deveriam falhas do diretor de almas obstaculizar as relações, mas é preciso que suas indicações se ajustem perfeitamente aos casos individuais:

"Quem desconhece a varidade dos tipos e suas enfermidades, não está em condições de indicar remédios específicos" (Roldan, S.I., op. cit., p. 124).

Não esqueçamos o ensinamento de S. Tomás: "Gratia non tollit naturam, sed perficit" (Summa, I, q. 1, 8, ad. 2).

"Na necessária colaboração entre a graça e a natureza — comenta Paul Griéger, F.S.C. — a graça não realiza o trabalho da natureza. Pensar de modo diferente, seria, sob pretexto de espírito religioso, fazer a apologia da despreocupação e da preguiça. E se a graça utiliza a natureza como de instrumento, não é vantagem nossa e dever mesmo cultivar o psiquismo para que as fôrças sobrenaturais, agindo em nós, disponham de instrumento mais rendoso por ser mais aperfeiçoado?" ("Cours de Caractérologie Pastorale", Roma, 1962, p. 18).

Por falta de conhecimentos psicológicos, é tão comum — na observação do Cônego Joseph Nuttin — "que a forma ideal da personalidade se desenvolva numa certa esfera de hipocrisia psíquica (não dizemos moral), que não raramente é encontrada em certas categorias de pessoas "virtuosas" mas, psicològicamente mal integradas" ("Psicanálise e Personalidade", Agir, 1961, 3.ª ed., p. 234).

Não é sòmente a intervenção terapêutica que requer conhecimento do dirigido, mas também, melhor: e sobretudo, a orientação positiva. Viajar não consiste, essencialmente, em evitar as estradas que não levam ao destino prefixado ou em voltar atrás em caso de engano, mas em avançar rumo à meta.

Não só impedir que o consagrado chegue a romper os sagrados compromissos, mas conseguir que "alargue a alma ao infinito, que acolha o amor, a caridade, pronto para a comunhão plena prometida por Deus" (Henry Duméry, "Regards sur la Philosophie Contemporaine", Paris, 1956, p. 115).

Não há dois santos que se santificassem de forma absolutamente idêntica: pensemos em S. Paulo e S. João Evangelista, em S. Francisco de Assis e S. Inácio de Loiola, dois fundadores dos mais eminentes, em S. Teresa de Ávila e S. Teresinha de Lisieux. Na moldura da mesma Regra, quanta diversidade! S. Francisco Xavier e S. João Berchmans; S. Antônio de Pádua e S. Francisco Solano...

"Os santos não foram personalidades obrigadas a reprimir a individualidade para atingir elevado grau de perfeição; ao contrário, foram homens e mulheres que utilizaram suas diferentes personalidades a fim de alcançar a santidade" (W. J. Battersby, F.S.C., "De La Salle, Saint anda Spiritual Writer", Londres, 1949, p. XIV).

Vem a propósito a observação de Thomas Merton:

"A vida ascética deve ser iniciada e continuada com supremo respeito pelo temperamento, o caráter, a emoção e por tudo aquilo que nos faz humanos. Pois tôdas essas coisas são elementos integrados na personalidade humana e, portanto, na santidade — porque um santo é alguém que o amor de Deus fêz desabrochar plenamente, tornando-o uma pessoa em quem brilha a semelhança do seu criador" ("Na Liberdade da Solidão", Ed. Vozes, 1961, p. 24).

Para concluir esta série de citações — que comprovam a importância atribuída ao temperamento no trabalho espiritual — dois parágrafos do admirável volume de Louis Colin, C.SS.R., "A Vida Interior" (Biblioteca Aster, Lisboa, 1960, p. 197):

"Compete a cada um organizar uma vida afetiva de harmonia com o seu temperamento moral, a sua formação ascética e as inspirações da graça. Evidentemente que o amor filial duma Santa Teresinha para com Deus não se assemelha à paixão ardente dum São Paulo por Cristo. As almas, como os rostos, têm a sua fisionomia e os seus traços característicos. E o coração dum São Francisco de Sales não foi talhado pelo mesmo padrão do de um Santo Inácio. Tal coração, tal amor!

"Alguns sentir-se-ão chamados ao Pai celeste por uma via feita de simplicidade e de abandono. Outros fazem de Cristo o seu grande e único amigo, Aquêle a quem juraram fidelidade e dedicação até à morte, trabalhando e lutando pela dilatação do seu reino. E quantos vêem no Espírito Santo o espôso incomparável, a quem se deram para todo o sempre, por inteiro, num rasgo de ternura virginal!".

RECRUTAMENTO VOCACIONAL

CÍRCULOS VOCACIONAIS

Pe. Alfredo Carrara de Melo, SDB.

1. **Estrutura e organização dos Círculos Vocacionais** — Círculos vocacionais são organizações de meninos e jovens que, desejosos de conhecerem a vontade de Deus a seu respeito, se reúnem, sob a direção de um orientador vocacional, para examinar se possuem a vocação religiosa ou sacerdotal e, em caso positivo, se preparar para ingressar no seminário ou na vida religiosa.

Por esta conceituação de círculo vocacional, o jovem que ingressa nêle tem diante de si duas etapas: 1.°) saber se possui vocação sacerdotal ou religiosa; 2.°) preparar-se para a entrada no Seminário ou na vida religiosa. Para a maioria existe apenas a primeira etapa, pois verificam que não estão chamados.

Tôda organização tem que se pautar pela finalidade que justifica sua existência. Por isso a organização dos círculos vocacionais tem por finalidade **promover** as vocações sacerdotais e religiosas. Disse de propósito promover porque o círculo não é uma organização para recolher ou arrebanhar vocações às pressas, mas para suscitar, definir, orientar e fortificar vocações. Uma vez garantida esta finalidade a organização pode variar de acôrdo com o ambiente, as possibilidades e os recursos existentes.

Apresentaremos, no presente trabalho, um tipo de organização, apenas para abrir o diálogo que se deve travar entre recrutadores, numa troca proveitosa de experiências variadas e interessantes.

Nosso trabalho se baseia mais diretamente na organização dos círculos vocacionais do Pe. Bortoni, S. J., nos livros do Pe. Poage "Recrutando para Cristo" e "Mais Vocações", e em dois anos de modesta experiência em que procuramos traduzir em atos os princípios e as sugestões dos entendidos no assunto.

Para maior facilidade faremos uma exposição dinâmica da vida do círculo, descrevendo como êle surge e se desenvolve.

2. **O recrutamento para o Círculo** — Quando pensamos em fundar um círculo vocacional precisamos imaginar logo de onde tirar os meninos e jovens. Antes mesmo, que meninos e jovens admitir? A experiência tem demonstrado que a idade ideal para se iniciar o círculo varia de 10 a 13 anos. Antes de 10 anos a criança não tem capacidade para compreender o problema da vocação e preferimos ter o jovem antes dos 13 a 14 anos para ajudá-lo a passar vitoriosamente pela crise da puberdade. Por isso precisamos nos dirigir a instituições que reunem meninos e jovens nesta idade: em geral o último ano do curso primário, o curso de admissão e as primeiras séries do ginásio. Se o círculo funciona em um Ginásio dirigido por religiosos não

vemos a necessidade da licença do Pároco, pois o trabalho vocacional deve ser um dos apostolados de qualquer colégio católico.

Se o círculo deve funcionar no âmbito de uma paróquia é claro que êle deve estar sujeito ao pároco. Em qualquer hipótese achamos sempre conveniente e delicado comunicar ao pároco a existência de um círculo vocacional mesmo que funcione em um colégio de religiosos.

O promotor vocacional consiga da Diretora do Grupo ou do Diretor da Escola o tempo de uma aula para falar aos meninos sôbre a escôlha da profissão. Não é necessário dizer que vai procurar meninos que querem ser padres ou religiosos. Convide a êle para assistir a palestra. Se conseguir a permissão falará aos meninos por uns 15 ou 20 minutos sôbre a importância da escolha da profissão. Mostrará como em grande parte o bem estar e uma vida feliz dependem do acêrto na escolha da carreira. Dirá também que muitos escolhem mal sua profissão porque não pensam sèriamente neste assunto. "E' por isso — continuará o promotor vocacional — que vim convidá-los a ir desde já pensando no futuro. E' claro que vocês não poderão tomar desde já uma decisão definitiva, mas é bom ir já pensando quais são suas preferências, suas possibilidades. Distribuirei para vocês uma lista de vinte profissões para vocês marcarem aí as profissões preferidas". Distribui então o Questionário Profissional:

QUESTIONÁRIO PROFISSIONAL

Nome: ..... Nasc.: ..../..../19.....
Endereço: .....
Escola que frequenta: ..... Curso: ..... Série: ....
Já trabalha? ..... Onde? .....
N.º de irmãs .... N.º de irmãos .... Já foi reprovado? ..... em que série?....
Pai: ..... Profissão: .....
Mãe: ..... Profissão: .....

Você tem diante dos olhos uma listas com 20 profissões que poderá seguir mais tarde. Pense bem e marque as três profissões de que você mais gosta, colocando o número 1 na frente daquela que você prefere dentre tôdas; o número 2 na que você gosta em segundo lugar e o número 3 diante da que você escolheria em terceiro lugar. Você deve escolher três para que, caso não possa seguir, por alguma razão, a primeira, já tenha pensado a segunda e a terceira.

Alem destas três marque também com um X a quarta profissão com a qual você também se simpatiza, embora não pense em seguí-la e com XX a quinta profissão com a qual você também se simpatiza, embora não pense em seguí-la. Se a profissão que você prefere não estiver na lista abaixo, acrescente você o nome dela logo depois das outras, fazendo a marcação conveniente.

LISTA DAS PROFISSÕES

...Advogado	...Médico	...Marinheiro
...Funcionário Público	...Operário	...Aviador
...Engenheiro	...Político	...Missionário
...Motorista	...Irmão Educador	...Jornalista
...Padre	...Pedreiro	...Mecânico
...Marcineiro	...Industrial	...Militar
...Professor	...Comerciante	

— Você gostaria de saber depois o resultado dêste teste? .....

Não é conveniente aumentar muito o número das profissões para que as três possibilidades de padre, irmão leigo e missionário não fiquem desaparecidas entre as outras; como também não se deve diminuir tanto o número de profissões de tal modo que se perceba a finalidade do inquérito.

A pergunta final tem por objetivo induzir o jovem a uma entrevista.

Depois de recolhidos os questionários o promotor distribui a todos um outro questionário, êste agora vocacional, dizendo o seguinte:

"Vocês vão receber agora um outro questionário, que talvez não interesse a todos. No entanto peço a todos que respondam as perguntas aí formuladas, pois algumas delas se adaptarão a vocês".

NOME: ..... CURSO: ..... SÉRIE: .....

Existe na Paróquia..... (ou no Ginásio.....) um CÍRCULO VOCACIONAL. Êste círculo é formado por meninos e jovens desejosos de conhecer o que seja a vocação de padre e de irmão leigo religioso. Pode pertencer a êste círculo não só quem deseja ser padre, mas também qualquer um que quer conhecer a vocação de padre ou de religioso para ver se por acaso também êle não é chamado por Deus para o seu serviço. Quem entra para o círculo vocacional não quer dizer que vai para o Seminário, nem assume nenhum compromisso diante de seu futuro. Pode deixar de pertencer ao círculo quando bem o entender.

Mesmo que o Círculo Vocacional não lhe interesse você está convidado a dar as informações pedidas abaixo, colocando uma cruz (+) na frente da afirmação ou das afirmações que lhe interessarem:

... (A) Estou decidido a ser padre (ou religioso).
... (B) Estou quase decidido a ser padre (religioso), mas ainda duvido se devo ou não.
... (C) Às vêzes vem-me a idéia de ser padre (religioso), depois desaparece.
... (D) Há muito tempo veio-me a idéia de ser padre (religioso), mas nunca mais pensei nisto.
... (E) Nunca pensei em ser padre (religioso), mas agora me veio esta dúvida: quem sabe se eu não poderia ser padre (religioso)?
... (F) Já pensei em ser padre (religioso), mas agora não quero ser.
... (G) Nunca pensei em ser padre (religioso), e não quero ser.
... (H) Se soubesse que Deus me está chamando estaria disposto a ser padre (religioso).
... (I) Quero pertencer ao Círculo Vocacional para estudar êste problema da vocação sacerdotal e religiosa.

Algumas observações sôbre êste questionário: Muitos perguntarão se podem marcar mais de uma afirmativa. Deve-se responder que sim, caso elas sirvam para êle. Embora tenhamos colocado a palavra religioso entre parênteses depois da palavra padre, não é bom colocá-la no formulário definitivo porque costuma trazer confusões. E' melhor colocar apenas a palavra padre e dizer que se alguém quer estudar o problema da vocação religiosa pode no lugar de padre colocar religioso.

Recolhidos êstes formulários está encerrada a sondagem com os alunos da escola. Antes de nos despedirmos dos alunos devemos dizer-lhes que oportunamente daremos a resposta a todos aquêles que disseram que desejavam saber o resultado do teste.

De posse dêstes dois formulários o promotor vocacional deverá proceder a um trabalho importantíssimo de sondagem acêrca de alguns dados antes de entrevistar os interessados. Quem é êste menino, que capacidade intelectual possui, como se aplica aos estudos, qual é o estado de sua saúde, qual o ambiente onde vive, como está constituída sua família, qual sua índole e seus costumes.

Estas informações podem ser obtidas na escola, junto ao vigário, ou de pessoas sensatas e prudentes que conheçam o menino e sua família. E' claro que não se consegue tudo de todos, mas deve-se procurar o máximo de informações.

Os dados principais dos dois questionários, bem como as informações obtidas serão transcritas numa ficha que pode assumir a seguinte estrutura:

Nome: ..... idade: .....
Escola: ..... Curso: ..... Série: .....
Nascimento: ..../..../19.... Lugar: .....
Enderêço: .....
Pai: ..... Profissão: .....
Mãe: ..... Profissão: .....
N.º de irmãos: .... Irmãos homens: .... Mulheres: .... Idade do Menor: ....
Idade do mais velho: ..... Casados: ..... Irmãos falecidos: .....
Média com que passou no último ano: .... Já foi reprovado? .... Série: ....
Professôra: .....
Capacidade intelectual? ..... É aplicado aos estudos? ..... Estado de saúde? ..... ambiente que frequenta: ....., É filho legítimo? .....
Os pais estão separados? ..... Há harmonia no seu ambiente familiar?.....
O pai é católico? ..... E a mãe? ..... Que dizer de sua moral externa? ....., E de seu caráter? .....
Profissões preferidas: 1. .....2. .....3. .....
X. ..... XX. .....
Grau do germe vocacional: (uma das letra: A, B, C, D, F, G, H, I, conforme suas respostas no questionário vocacional).
História da vocação: a ser colhida durante a entrevista.
Observações: .....

Por estas informações vários já ficam excluídos por lhes faltarem algum ou alguns dos dotes essenciais à vida sacerdotal ou religiosa. No entanto também êstes devem ser entrevistados caso tenham manifestado desejo de saberem o resultado do teste, mas não serão admitidos ao círculo.

Após êste trabalho de sondagem o promotor vocacional começará a entrevistar a todos os que expressaram o desejo de saber o resultado do teste (quase todos querem saber). A finalidade desta primeira entrevista é convidar para o círculo o maior número de meninos e jovens que tenham as qualidades oportunas. O critério para a admissão ao círculo deve ser o seguinte: podem ser admitidos todos aquêles que poderão mais tarde, caso queiram, ser aceitos no Seminário ou na vida religiosa, e devem ser excluídos todos aquêles que não poderão ser admitidos difinitivamente no Seminário ou na vida religiosa.

Seguindo-se o critério acima estabelecido, podem ser convidados a per-

tencer ao círculo não só aquêles que se mostram decididos ou quase a serem padres ou religiosos (A e B), mas também aquêles em cuja mente já passou alguma vez a idéia de ser padre ou religioso (C, D, E). Principalmente devem ser convidados aquêles que disseram estarem dispostos a seguir a vontade de Deus (H), mesmo que não tenham assinalado nenhuma das afirmativas precedentes.

Não devem ser convidados para o círculo aquêles que não querem e os que já pensaram em ser padres e no momento não querem mais, principalmente se já estiveram em Seminários ou em alguma Congregação Religiosa.

Destas entrevistas saem os futuros sócios dos círculos. E' conveniente pedir a autorização dos pais para que o filho frequente o círculo. Tal autorização pode ser pedida com uma cartinha que o próprio interessado levará a seus pais, nos seguintes têrmos:

Ilmo Snr. .....
Louvado seja N. S. Jesus Cristo!

Estamos organizando na Paróquia ..... (ou no Ginásio.....), um Círculo Vocacional destinado a reunir meninos e jovens que desejam estudar o problema da própria vocação. Pertencer ao Círculo Vocacional não significa ter vocação para padre. Os meninos que nêle entram não estão, por isso mesmo, preparando-se para ir para o Seminário, mas querem estudar mais de perto a vocação sacerdotal ou religiosa para verificar se por acaso também êles não estão chamados por Deus ou para ver se um desejo que sentem de ser padres ou religiosos é realmente uma vocação ou mera veleidade. Não existe nenhuma espécie de compromisso quanto à permanência no círculo: o menino ou jovem pode abandoná-lo quando bem o entender.

Estando seu filho ..... desejoso de pertencer a tal círculo venho pedir sua permissão para isso.

O servo em J. Cristo.

---

3. **Funcionamento do Círculo** — O círculo vocacional consta essencialmente de reuniões e entrevistas.

a) **As reuniões** — Devem ser semanais ou ao menos quinzenais, em um local determinado e fixo e com um horário também fixo. A mudança contínua de horários e de locais desorienta os meninos e jovens. E' aconselhável que o horário seja cômodo, mas de forma a não levar os sócios para o círculo por mera rotina.

A duração das reuniões deve oscilar entre meia hora e quarenta e cinco minutos.

O esquema da reunião pode variar muito, mas é necessário que se vá para a reunião com um plano bem definido, para que possa interessar aos circulistas.

A título de exemplo daremos o roteiro seguido por nós. Numa primeira reunião são dadas as normas para as reuniões. Já que estamos tratando das reuniões colocaremos por extenso tais normas: 1. E' indispensável comparecer a tôdas as reuniões. O não comparecimento a três reuniões

consecutivas importa na exclusão do círculo, a não ser que tais faltas tenham justificativa. — 2. Cada um é livre de sair do círculo quando bem lhe aprouver; é conveniente, no entretanto, conversar antes com o orientador. — 3. E' preciso que haja muita disciplina e ordem durante as reuniões. Quem não souber portar-se bem durante as reuniões não poderá continuar no círculo. 4. Cada um poderá fazer perguntas nas reuniões. Poderá também pedir ao orientador uma entrevista para tratar de algum assunto em particular.

Em seguida o orientador explicará com maiores pormenores o que seja o círculo vocacional, esta parada na encruzilhada da vida para ouvir a vontade de Deus a respeito do caminho a seguir.

Nas primeiras reuniões o orientador tratará da vocação pròpriamente dita: explicará o que seja o sacerdócio, a vida religiosa, as qualidades requeridas para os chamados, a destinação de Deus ou a vocação pròpriamente dita, como discerni-la, etc. Dará sempre oportunidade para que os circulistas formulem livremente suas perguntas e resolvam as dúvidas e preconceitos. Em tôdas estas explicações o orientador deve explicar a vocação sacerdotal e religiosa de uma maneira geral e não como se estivesse recrutando para o seu seminário ou a sua ordem ou congregação religiosa.

Será interessante dar em seguida uma série de exemplos de sacerdotes e religiosos que resolveram da maneira mais diversa o problema da própria vocação. Livros como "Pourquoi je me suis fait prêtre?" fornecerão material abundante neste particular.

E' natural que o número dos circulistas vá diminuindo à medida que as reuniões vão se realizando. E' bom notar que o simples fato de um menino abandonar o círculo, só por isso, não significa que não tenha vocação religiosa ou sacerdotal; é bom dizermos isso para êles.

Após seis meses ou um ano de trabalhos as reuniões podem assumir um aspecto mais formativo do que instrutivo, pois os jovens que permanecem no círculo dão já mais esperanças de vocação. Temos seguido a seguinte ordem na reunião:

1. Oração inicial
2. Leitura e explicação de um trecho do Evangelho
3. Secção de perguntas e respostas (caixa de perguntas)
4. Palavras do Orientador ou de um convidado ou leitura de um trecho de algum livro de argumento vocacional.
5. Orações finais.

b) **As entrevistas** — Considero o trabalho mais importante e mais difícil do círculo. O ideal seria falar todos os meses com todos os circulistas e atendê-los sempre que êles o solicitassem. Nestas entrevistas ganhar a confiança do jovem e transformá-la aos poucos em direção espiritual, caso êle o queira. É nestas entrevistas que se resolvem as dúvidas, conhece-se melhor cada candidato.

O círculo deve levar os chamados do Senhor, da curiosidade à dúvida, da dúvida à decisão e da decisão ao entusiasmo pela vocação. Nisto, porém, o candidato deve sentir-se à vontade, convencido de que deve ser êle

quem deve resolver o seu problema, com ajuda e não sob a pressão do orientador.

Quando mandar um candidato para o seminário ou para a vida religiosa? Naturalmente há casos particulares em que a ida para o seminário ou a vida religiosa deve ser, não apressada, mas antecipada. Mas, nos casos normais em que o candidato pode frequentar regularmente o círculo, tem comodidade para suas obrigações de piedade e encontra em casa um ambiente que não oferece perigos para sua vocação, deve ir para o seminário sòmente quando tiver já um grau de decisão que possa proporcionar certa perspectiva de êxito. Além disso não deve ser encaminhado enquanto a sua vida cristã não tenha uma base sólida (sempre dentro das possibilidades de sua idade), formada de uma piedade sincera e espontânea, sacramentária.

Quanto aos estudos acho que os dois primeiros anos do ginásio podem ser feitos fora do Seminário contanto que sejam ministradas aos possíveis candidatos aulas de Latim.

Quanto à idade não é fácil precisar. Tenho a impressão de que a crise da puberdade pode ser superada mais fàcilmente no ambiente do círculo vocacional do que no ambiente de internato dos Seminários.

4. **Regulamento para o círculo ?** — Pe. Poage ao tratar dêste assunto propõe um regulamento curto e simples: 1. rezar diàriamente para conhecer e cumprir a santa vontade de Deus a respeito da própria vocação: 2. receber a Santa Comunhão uma vez por semana ou mais frequentemente se possível; 3. oferecer Missa e Comunhão cada primeiro domingo do mês pelos membros do clube.

Pe. Germano, S.J. concretizou os deveres fundamentais dos "Gonzagas" no seguinte regulamento básico:

1) Assistir devotamente à Santa Missa, pelo menos:
   a) nos Domingos e Dias Santos;
   b) nos Sábados, em honra de N. Senhora.
2) Receber, com frequência, a Jesus, na Eucaristia. (Um bom "Gonzaga" não deixará de comungar pelo menos uma vez por semana).
3) Assistir pontualmente as reuniões do Núcleo.
4) Rezar diàriamente uma breve Oração da Manhã e da Noite.
5) Rezar diàriamente pelo menos uma dezena de Têrço de N. Senhora.
6) Visitar com frequência o Santíssimo Sacramento.
7) Ajudar o Vigário nos atos religiosos (Missa, Bênção, etc.) e em tudo o mais em que êle possa precisar da colaboração dos "Gonzagas".
8) Tratar sempre aos Sacerdotes com atenção e respeito.
9) Comportar-se dignamente em casa, na Igreja, na escola e na rua.
10) Estudar com seriedade as lições e preparar com cuidado os deveres escolares.

Sinceramente, sòmente agora, ao fazer êste trabalho, preocupei-me com êste problema. Até o presente nenhum dos círculos que dirijo possui um regulamento estruturado. Seus participantes conhecem apenas uma regra fixa:

quem falha três vêzes em seguida, sem justificativa, deixa de pertencer ao círculo. Todos os outros pontos são resolvidos de maneira pessoal entre o orientador e o circulista.

Tenho até a impressão de que um regulamento rígido iria tirar a espontaneidade do círculo. Além disso os regulamentos das associações visam mais as obrigações dos sócios como membros do grupo e nas suas funções dentro do grupo. O círculo vocacional não é, como tal, uma associação juvenil de apostolado ou coisa semelhante, mas antes de tudo um círculo de estudos, que não empenha o circulista diante dos outros como membros do círculo. Na opinião do Pe. Bortoni, S. J. os círculos não devem ser públicos nem secretos, mas particulares. O jovem procura o círculo não por um interêsse social, mas por um interêsse pessoal: resolver o problema da sua vocação. Por êstes motivos não vejo necessidade de outra regra a não ser a de assiduidade às reuniões. Rezar para conhecer a própria vocação, comungar frequentemente, comportar-se dignamente nos vários ambientes, estudar com seriedade, etc., mais do que pontos de um regulamento devem ser manifestações espontâneas de uma vocação em germe que se desenvolve e se robustece.

5. **Diversões nos círculos vocacionais?** — Pe. Poage sugere celebrar de vez em quando um **Dia do Clube**. "As reuniões nesses dias são mais agradáveis e proveitosas e mais bem preparadas. Consistem em discussões gerais sôbre assuntos como: 1) diferenças entre Padres seculares e regulares...; 2) variedades de congregações femininas...".

"Procure-se sempre variedade; organizem-se programas de perguntas e respostas, concursos e rifas. Solicite-se o interêsse dos meninos e meninas já antes da reunião, concedendo-se intervalos durante as longas sessões e providenciando bom divertimento para quando terminar a instrução formal. Para isso muito nos ajudarão jogos de mesa, esporte e peças teatrais" (Godfrey Poage, C. P., "Recrutando para Cristo", Vozes, 1962, pp. 166-167).

De vez em quando acho interessante um programa como êstes, principalmente se assumisse o aspecto de um encontro de vários círculos, possìvelmente no ambiente de um seminário. Mas proporcionar em cada reunião uma parte recreativa creio ser de prejuízo para o círculo. Muitos meninos continuariam no círculo não por causa da "vocação", mas da "diversão".

6. **Contactos com as famílias dos circulistas** — O promotor vocacional deve procurar conhecer o mais possível as famílias dos circulistas. A experiência me tem feito constatar a veracidade do princípio de que na base de uma autêntica vocação está uma família profundamente cristã. Há exceções, mas não passam de exceções.

Sôbre a conveniência de promover reuniões para os pais dos circulistas, francamente não acho isto conveniente. Tratar de que em tais reuniões? Da possível vocação do filho, do ambiente favorável que devem manter para que a possível vocação do filho se desenvolva? Muitos dêles não compreenderiam o alcance destas reuniões, outros achariam que estamos forçando o filho a ser padre ou religioso, etc.

Acho mais proveitoso uma visita à família de tanto em tanto, com as providências necessárias caso por caso.

7. **Que podemos esperar dos círculos vocacionais?** — Quem se preocupa com números e gosta de ver resultados imediatos não se coloque a trabalhar com círculos vocacionais porque terá grandes desilusões.

Dirijo presentemente três círculos vocacionais. Vejam os resultados.

O primeiro círculo, fundado a 13 de agôsto de 1961, portanto com um ano e 5 meses de existência. Fizemos até o presente 70 reuniões. Olhemos agora para os números: dentre 73 meninos e jovens foram selecionados para o círculo 31. Após um ano e meio êstes 31 ficaram reduzidos a 8. Dêstes apenas 1 foi encaminhado nêste mês para o seminário e ainda uns 4 dão esperanças.

Os outros dois círculos foram formados recentemente: um formado por alunos da 1.ª série ginasial e outro de alunos do admissão, todos alunos de um nosso colégio em S. João del-Rei. De 52 alunos da 1.ª série a quem fiz a palestra, 22 entraram para o círculo (sendo que 6 já pertenciam ao 1.º círculo). Dêstes apenas 13 continuam no círculo e nutro esperanças sôbre uns 4. Dos 31 alunos do admissão, 14 entraram para o círculo; continuam 11 e tenho esperanças sôbre uns 8.

Resumindo os dados numéricos temos: De 147 meninos e jovens tiramos 60 membros do círculo. Dêstes restam presentemente 32. Dão esperanças apenas uns 17. Traduzindo isto em porcentagem e generalizando provisòriamente podemos dizer que da população dos alunos da última série do curso primário, do admissão e das primeiras séries do curso ginasial podemos tirar uns 40% de alunos para o círculo. Dêstes, podemos nutrir esperanças de entrar no seminário apenas sôbre 20 ou 30%.

Um pessimista poderia dizer: mas para que tanto trabalho, para enviar tão poucos para o seminário? Respondemos: para que o seminário tenha menos trabalho em enviá-los de volta.

Concluindo: os círculos vocacionais são verdadeiros pré-seminários, preparando os vocacionáveis para o seminário e contribuindo para uma promoção mais numerosa de vocações e para aumentar a taxa de perseverança.

E' êste um trabalho espiritual. Exige portanto muita oração tanto do promotor vocacional, como dos circulistas. Semeemos abundantemente, reguemos com generosidade "et Deus incrementum dabit".

7. DUAS MANEIRAS PARA PLANEJAR AS INICIATIVAS PAROQUIAIS: PARA O POVO OU COM O POVO

Pe. Leão Douven CssR.

No artigo anterior recomendamos o método de consultar os fiéis antes de decidir a execução de iniciativas paroquiais. Argumentamos que a consulta dá ao povo a oportunidade de assumir a parte da responsabilidade que lhe cabe. Pois, se o vigário delibera e decide tudo sem consultar o povo, êle assume sòzinho tôda a responsabilidade pela iniciativa. Isto está certo quando de fato tôda a responsabilidade deve cair sôbre êle, mas não quando a responsabilidade é coletiva. Nêstes casos, o povo deve poder participar da mesma. A consulta, então, favorece que o povo o faça de fato e que os fiéis despertem de sua passividade e de seu desinterêsse. Desta maneira, a consulta é útil para o aperfeiçoamento da comunidade paroquial, o qual constitui a tarefa principal do vigário como "pastor" (munus pastoris).

Agora queremos acentuar outro aspecto: a consulta aumenta o número dos que o apoiam e diminui a resistência passiva que muitos vigários encontram nas suas paróquias e que faz fracassar, parcial ou totalmente, muitos dos seus planos. A consulta favorece um entendimento harmonioso entre o vigário e o povo e evita tensões que freqüentemente existem entre o padre e alguns grupos dos fiés e que às vêzes evoluem para o anticlericalismo. É fácil de compreender que, para conseguir isto, a consulta não deve dirigir-se apenas a uma elite, mas estender-se ao povo todo.

Idealismo e realismo na cura de almas

Um dos males que mais prejudica a atuação pastoral dos vigários é sem dúvida um certo desânimo e cansaço espiritual, que chega às vêzes a ser pessimismo: padres que nos primeiros anos de seu sacerdócio trabalharam com disposição, entusiasmo e dinamismo, e que vários anos mais tarde passam a limitar seu trabalho ao estritamente necessário e perdem seu idealismo sacerdotal. As causas podem ser várias: o próprio avançar da idade já freia o dinamismo no trabalho. Muitas vêzes também o padre se deixa guiar por motivos naturais, como vaidade etc., de tal modo que os motivos sobrenaturais enfraquecem. Freqüentemente, o isolamento espiritual e social em que vive o padre, a falta de um contato familiar com o bispo e a falta de um contato freqüente e apostólico com colegas, fazem com que êle se sinta desamparado. Mas há ainda um outro fator: a repetição de fracassos, sejam

totais sejam parciais. No início do sacerdócio, muitos pecam por um idealismo exagerado, um idealismo que não leva suficientemente em conta a falta de amadurecimento do povo e que faz prever como fácil o que depois se revela como difícil. Os fracassos que não tardam e que se repetem, "curam" o padre de seu idealismo e fazem-no ver a "realidade", isto é: êle "descobre" que o povo é comodista, que não colabora, que é passivo, que não tem formação, e que não adianta querer muita coisa etc.

E' comum, por exemplo, observar que muitos padres examinem novas idéias e novos planos não sôbre o prisma se está de acôrdo com a doutrina da Igreja ou com a teologia, mas sob o prisma de "idealismo ou realismo". Isto revela um medo exagerado pelo fracasso. Não lhes ocorre que um plano pastoral sempre deve nascer da teologia, portanto da teoria, e que só aos poucos podemos encontrar a fórmula prática para a aplicação. Não podemos nem ficar na teoria, nem limitar-nos à prática, desprezando a teoria. No início, qualquer plano é impraticável: só aos poucos pode tornar-se mais realista. Não devemos condenar o idealismo, mas aliar o idealismo ao realismo.

O Paternalismo na cura de almas

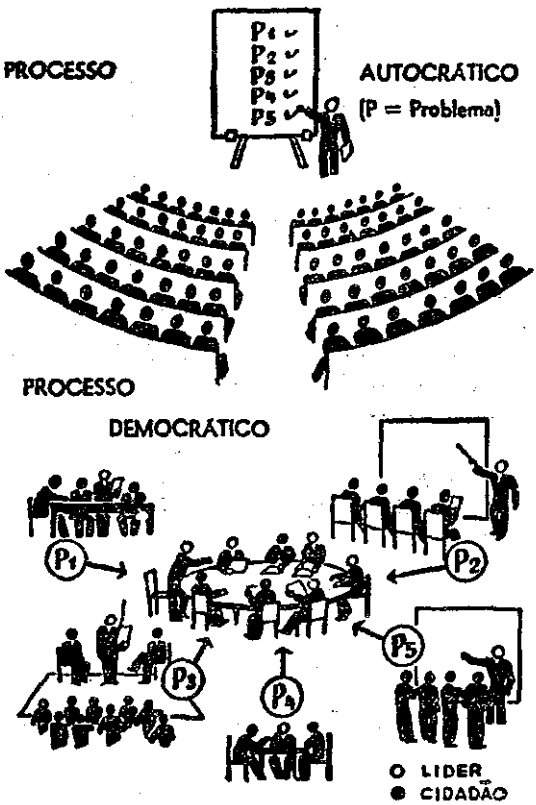
Examinando mais de perto tanto o idealismo exagerado que não leva em conta a falta de amadurecimento do povo, quanto o realismo-pessimismo que leva o padre a desistir de seus planos, constatamos que ambos provêm de uma fonte comum, a saber: de uma atitude paternalista da parte do padre em relação aos fiéis. Êste paternalismo faz superestimar a importância do padre e usurpar o papel que cabe aos fiéis. Pois que acontece? O padre, cheio de idealismo, fàcilmente julga que é êle quem deve melhorar o povo, que só êle e não o povo está em condições de fazer um planejamento certo. Desta maneira, êle elabora o plano sòzinho, no seu gabinete, sem dar ao povo possibilidade de participar na sua elaboração. Não percebe que exatamente por isso está fora da realidade, pois sòmente a comunidade sabe bem o que está ao seu alcance e o que não. Ninguém conhece melhor a comunidade do que a própria comunidade. E uma vez que o povo foi afastado da elaboração do plano, segue um fracasso. Mais tarde êle se "cura" de seu idealismo exagerado e prefere não executar plano algum. Persevera, portanto, na sua atitude paternalista, pela qual atribui exclusivamente a si mesmo a capacidade de elaborar um plano. Se êle se curasse de seu idealismo "paternalista", estimularia o povo e outros a fazerem tentativas, e não se entregaria ao pessimismo.

Dois tipos de planejamento

Assim chegamos a dois tipos de planejamento: o paternalista (ou autoritário) e o democrático. Se um planejamento é do primeiro ou do segundo tipo, não depende do fato de que a idéia partiu do superior ou dos inferiores, mas do modo pelo qual foi elaborado, pois, como dissemos

qualquer plano deve nascer de uma idéia ou teoria, de uma filosofia ou ideologia, e é necessàriamente abstrato e teórico. Por causa da diferença de cultura, é inevitável que quase sempre esta idéia seja lançada pelo clero e não pelos leigos. Em seguida êste plano deve moldar-se à realidade, à situação real em que vive o povo. Se êste trabalho de "moldar à realidade" for feito apenas pela autoridade, falamos em planejamento autoritário ou paternalista. Se for feito pela comunidade inteira, incluindo autoridade e súditos, falamos em planejamento democrático.

Copiamos algumas palavras de Dr. José A. Rios, juntamente com um desenho que ilustra a diferença de método. "Há dois tipos de planejamento que se deve, de início, distinguir. O mais conhecido entre nós é o planejamento autoritário cujo maior característico não é exatamente emanar de serviços estatais, e sim, partir sempre de cima para baixo, dogmàticamente, em geral de um só indivíduo ou grupo, sem ampla consulta a outros técnicos e organizações. Os planos de reforma agrária apresentados ao Congresso Brasileiro são geralmente dêste tipo. O planejamento chamado de-



Êste desenho, publicado no livro de Dr. José A. Rios, "Educação dos grupos", mostra a diferença entre o planejamento autoritário e o democrático. Em cima se vê, como o chefe dita as soluções: é "trabalhar PARA o povo". Em baixo se vê, como os vários grupos discutem separadamente sôbre os problemas e suas soluções. As sugestões são encaminhadas para a equipe central. E' "trabalhar COM o povo".

mocrático pode partir de uma instituição oficial ou oficiosa: seu traço típico é ser elaborado de baixo para cima, constituir, na realidade, a média das opiniões do grupo interessado. Em geral, o plano autoritário emana de um tipo de líder que fàcilmente degenera no chefe autoritário...

"Todo plano é um processo social, porque envolve, queiram ou não os planejadores, tôda a comunidade. Qualquer que seja a filosofia política que o inspira, visa satisfazer às necessidades e resolver os problemas de um grupo. O planejador totalitário, que sofre de grupofobia, costuma crer que o plano deve ser elaborado apenas pelos técnicos e, uma vez concluído, tem de ser discricionàriamente aplicado. Esta concepção, falsa e tecnicista, leva a equívocos trágicos. O plano será mais adequado se consultar mais de perto os desejos e aspirações da comunidade. Sua execução se desenvolverá sem tropeços, se os responsáveis locais acompanharem de perto, e até mesmo influenciarem sua elaboração. Os planos aplicados de cima para baixo raramente dão resultado porque o administrador esquece a parte mais importante — o administrado, o homem a quem o plano se destina com suas atitudes peculiares, sua bagagem cultural, seus preconceitos e sua infinita capacidade de resistência a tudo que lhe parece contrário à sua maneira de viver.

"O planejador tem de se convencer que não é êle quem conhece melhor o que pode convir ou não a uma comunidade. E' a própria comunidade. Por isso, tantos planos feitos nos gabinetes oficiais, com o maior rigor da técnica, sem a menor participação dos interessados, fracassam fragorosamente. O que o planejador pode fazer, é descobrir, identificar os objetivos concretos do grupo, auxiliando-o a exprimí-los e a definí-los em têrmos de problemas, equipamentos e recursos...

"A centralização do planejamento acarreta ùnicamente a burocratização dos serviços e o esmagamento do beneficiário que se vê eliminado de discussões onde se joga seu próprio destino...

"O planejamento democrático é essencialmente educativo. Consegue essa finalidade por um duplo caminho: 1) informando os grupos interessados de todos os passos necessários à sua efetivação e 2) associando-os estreitamente aos técnicos em tôdas as suas fases, desde a elaboração até a execução.

(Esquema dêste processo:) Rotina — Consciência do problema — Confusão de propostas — Liderança — Definição do plano — Execução" (Educação dos Grupos, pág. 163-166).

Planejamento paternalista gera resistência passiva

Temos a impressão de que nosso modo de planejar as iniciativas paroquiais é geralmente do tipo paternalista, e atribuimos a êsse fato a maioria dos fracassos. Costumamos dar a culpa aos fiéis, dizendo: "Não têm formação, não têm boa vontade, não colaboram" etc., mas então esquecemo-nos de que esta atitude do povo é a reação normal e natural à atitude paternalista do clero. Em outras palavras: somos nós mesmos que provocamos

em certos grupos do povo uma resistência passiva e um certo anticlericalismo.

Num artigo anterior já anotamos que nas nossas paróquias podemos distinguir dois grupos de fiéis: os que vivem mais achegados à Igreja e os que vivem mais afastados. Não se trata apenas de uma graduação de aproximação, mas de dois grupos, separados por sentimentos de antipatia. Os da Igreja têm um julgamento duro sôbre os "pecadores e ignorantes". Os outros condenam os primeiros por sua falta de bondade e caridade, por sua vaidade espiritual e seu desprezo pelos "pecadores", por seu "fariseísmo". Acusam-nos também de encampar o padre, de "agarrar-se à sua saia" (como dizem), e de monopolizá-lo e de instigá-lo contra êles. Percebendo que o padre se deixa encampar e monopolizar, êles se afastam também dêle. Não querem revoltar-se contra as medidas que êle elabora, seja sòzinho seja com o primeiro grupo, mas também não conseguem entusiasmar-se por elas, e freqüentemente acham que o primeiro grupo procura impor sua vontade ao segundo através do padre. Daí resulta um certo desinterêsse pelos assuntos da paróquia ou uma resistência passiva que às vêzes evolui para anticlericalismo.

Esta descrição, evidentemente, peca por simplismo, pois há muitos fatôres em jôgo, e em cada paróquia a situação é diferente. Acentua, porém, que o segundo grupo tem ressentimentos por não ter acesso à elaboração de iniciativas paroquiais como o primeiro, e que êste fator provoca resistência passiva. Nem sempre, portanto, trata-se de um paternalismo do vigário em relação ao povo católico, mas do vigário com o primeiro grupo em relação ao segundo grupo. E o vigário que se decide a consultar todos os fiéis, terá em pouco tempo a prova: os mais achegados à Igreja reagem e vem insistir junto do padre para "dar ordens e nada mais".

A respeito dos dois grupos, observamos ainda o seguinte: Quando na paróquia há pároco e vigário cooperador, pode acontecer que o segundo grupo procura aproximação com o vigário cooperador, e que o primeiro cerra fileiras em redor do pároco, freqüentemente numa atitude de hostilidade em relação ao vigário cooperador, denunciando comportamento incorreto etc.

Durante as missões, o segundo grupo se entusiasma pelos missionários e comparece em massa. Ficam superadas temporàriamente as antipatias entre os dois grupos e o vigário fica satisfeito pela volta de tantas ovelhas desgarradas. Mas quando os missionários partem, automàticamente voltam os ressentimentos antigos e com isso desaparece o fruto principal da missão. Muitos então falam em "fogo de palha", atribuindo erradamente a culpa às missões. Nas grandes cidades, o segundo grupo já se afastou tanto da Igreja, que nem a missão consegue atraí-lo. Fala-se que a missão "não pegou".

A causa mais profunda desta cisão em dois grupos opostos nos parece ser um choque entre a mentalidade tradicional, impregnada de sentimentos e convicções religiosas, e a mentalidade moderna, que acompanha o progresso da civilização e que ainda não foi suficientemente cristianizada. O grupo mais religioso da paróquia rejeita e combate esta mentalidade, mas

diante do impulso irresistível da mesma, êle perde o contrôle sôbre os vários setôres da vida social, como divertimentos, política, setor do trabalho, setor familiar e educacional etc. A sua religiosidade, então, não consegue mais traduzir-se em atuação apostólica e fica frustrada. Resulta daí a tendência de isolar-se.

Isto explica que a cisão entre os dois grupos é quase definitiva nas grandes cidades, bem definida nas cidades do interior e quase inexistente nas capelas da roça, onde a civilização moderna ainda não penetrou com tôda fôrça. (Sôbre a cisão da paróquia em dois blocos opostos, veja R.E.B. dezembro 1962, pág. 969-971).

Trabalhar com **o povo e não apenas** para **o povo**.

Recomendamos, então, o método de "consultar o povo todo antes de decidir" como um meio para atrair o segundo grupo. Adotando êste método, o padre se cura de seu paternalismo porque dá ao povo acesso à elaboração dos planos. Evita ao mesmo tempo a resistência passiva e combate o anticlericalismo que eventualmente já existe.

Entretanto, como já observamos, no início o povo não reagirá à consulta e permanecerá passivo. E' preciso também evitar o constrangimento dos fiéis para não interpretar errado seu pensamento. A eficiência da consulta depende dos grupos de amigos que existem entre os fiéis e que devem ser interessados.

Citemos ainda um trecho do livro: "A Missão da Igreja no século XX", do Cardeal Suenens, que insiste em trabalhar **com** o povo e não apenas **para** o povo. Suas palavras expressam a mesma idéia que expusemos acima com as palavras: planejamento democrático e não paternalista.

"O padre deverá pôr em prática essa palavra do filósofo francês Lavelle, palavra que vale ouro e que nunca será bastante meditada pelos verdadeiros chefes: "O maior bem que fazemos aos outros, não é comunicar-lhes nossa riqueza, mas descobrir-lhes a dêles". E' justamente o que se reclama do sacerdote: a arte de despertar e de orientar as energias dos outros dentro do esfôrço coletivo. Dar ordens é muito mais cômodo que suscitar a verdadeira colaboração. E' muito mais fácil fazer algo **para** alguém do que fazê-lo **com** êle, mais fácil ditar uma solução do que fazer com que a descubra e a realize em conjunto. E' essencial que o sacerdote não se deixe cair no autoritarismo, confie nos recursos dos leigos, resista à tentação de fazer as coisas por si a pretexto de que assim se farão mais depressa e melhor, saiba animar e apagar-se. Numa palavra: saiba ser tudo e nada ser. Um sacerdote autoritário faz com que desmorone pela base tôda possibilidade de colaboração. A psicologia social demonstrou, especialmente pelos trabalhos de Kurt Lewin e pelas experiências industriais de French e Coch, quanto arruina o rendimento do conjunto o comportamento autoritário. Sem dúvida, é indispensável o contrôle. Todavia, controlar não significa restringir, mas estimular, canalizar, impulsionar. Controlar não quer dizer pôr-se no lugar do outro: pelo contrário, é a arte não de fazer sòzinho, mas de fazer

com que façam, não de sufocar ou de extinguir, mas de vivificar e de desenvolver. Para ter bom êxito num trabalho em comum, é preciso que cada um se sinta empenhado, responsável, plenamente ativo, colaborando interiormente para a tarefa de todos" (Pág. 104).

A título de curiosidade citamos ainda uma das conclusões da Conferência Sôbre Tensões do Desenvolvimento no Hemisfério Ocidental, realizada de 6 a 11 de agôsto em Salvador. Sempre é útil saber o que outros pensam de nós. "Igreja — Considerando a grande influência filosófica e cultural que ela exerce sôbre o povo, sugeriu-se que o clero, treinado teològicamente dentro de um sistema autoritário de pensamento, deveria ser preparado para trabalhar num mundo secular igualitário e democrático". (Visão de 24 de agôsto de 1962, pág. 46).

(Continua)

CARTA ABERTA

RETIRO DE TRINTA DIAS

Prezado Colega.
Paz e Bem!

Reiniciou o ano Letivo.

Findaram as férias.

Gostaria de ter contigo também uma troca de idéias, como tive com muitos colegas nossos, durante essas férias, sôbre os "Exercícios Espirituais de Santo Inácio".

Soubeste que uma turma de sacerdotes de 12 dioceses e 6 Congregações se reuniram em Passo Fundo, de 27-12-62 até 26-1-63, para os Exercícios Espirituais (Retiro de Trinta dias). Eu também tive a sorte e a graça de ser um dos felizardos...

Muitos porém dos que queriam não puderam fazer os Exercícios nesta oportunidade, mas vão aproveitar a próxima chance.

Algo de concreto vai aparecer na R.E.B. como também na revista "O Seminário".

O que te interessa é como funcionaram os Exercícios?... Pois bem, aí vai uma pincelada, uma idéia. Claro o programa é "puchado" mas vale a pena... Os Exercícios se dividem em quatro etapas ou quatro semanas. Antes de cada etapa, um dia de intervalo para um arejamento das idéias e um descanso, a fim de com nôvo ânimo e disposição enfrentar a nova etapa e tirar dela o máximo proveito possível.

Nosso Diretor dos Exercícios, o Pe. Geza S.J., soube de fato usar todos os meios que estavam ao alcance para conseguir o fim propôsto.

Faziamos cinco meditações de uma hora inteira por dia, assim distribuida: duas de manhã, duas à tarde e uma à meia noite. Essa última sòmente deviam fazê-la os que aguentassem no dia seguinte fazer bem as meditações. Na quarta semana não houve meditação à meia noite.

O Pe. Diretor apresentava a matéria em 15 a 20 minutos e, em seguida, no quarto, faziamos a hora inteira de oração com 15 minutos de exame sôbre a meditação feita.

O horário das 11 30 — 12 horas muitas vêzes era aproveitado para as instruções.

A Sagrada Escritura ocupa sempre o centro dos Exercícios.

Durante as refeições, conforme a semana e as meditações do dia havia leitura da Sagrada Escritura (trechos escolhidos) da Vida de Cristo, de Santo Inácio, São Francisco ou música ou silêncio...

A Santa Missa, rezamo-la todos os dias; um colega ajudava a do outro. Nos domingos faziamos Missa Comunitária com ofertório das intenções de cada retirante. Em comum, rezávamos diáriamente as Laudes, Vesperas e Completório.

Concluimos cada dia com a bênção do Santissimo, simples nos dias comuns e solene em cada fim de etapa. Nestes dias o Santissimo ficava expôsto já de tarde, para a adoração; tanto quanto cada retirante quizesse.

Quanto ao silêncio, sim, nós faziamos silêncio mesmo, em função da finalidade que buscávamos.

Quando ao dia de folga, saiamos após o café para reiniciarmos ao cair da tarde, com uma meditação. Nos dias de folga descançávamos de verdade, com exercícios de natação, hora de arte, churrasco etc. etc. etc.

Prezado colega. Como observação final, quero transmitir-te a expressão de todos os retirantes: "VALE A PENA!: "O Retiro de trinta dias foi, para mim, a maior graça depois do meu Sacerdocio"; "Quem experimenta não se arrependerá, jamais" etc. etc. etc.

Em nome de todos os colegas que se reuniram em Passo Fundo, um grande braços para ti com votos de Feliz Retiro de Trinta dias se puderes, tu também, aproveitar a próxima chance.

Saudações Sacerdotais de quem pede e agradece a tua bênção.

Pe.Gregório De Nadal.

IMPRENSA

SITUAÇÃO DAS REVISTAS CATÓLICAS NO BRASIL

Frei Raymundo de A. Cintra, O. P.

Por ocasião do IV Encontro de redatores-chefes de revistas e jornais católicos, realizado no Rio de Janeiro de 23 a 25 de janeiro p. passado, foram mais uma vez debatidos agudos problemas relacionados com a imprensa católica no Brasil.

Deixando a outros a tarefa de focalizar os pontos relativos aos jornais pròpriamente ditos, bem como os problemas de ordem técnica e financeira que afetam a imprensa católica em geral, limito-me, como me foi pedido, a apresentar aos assinantes desta Revista, particularmente aos superiores de religiosos, algumas reflexões acêrca das revistas publicadas por institutos religiosos.

Em primeiro lugar, é justo salientar o ingente esfôrço despendido, nestes últimos 25 anos, nesse setor. De minguada e tímida a imprensa católica passou a ser farta e exuberante. Num país em que o clero é escasso e sobrecarregado de trabalho, é de admirar o número considerável de periódicos que se redige e que se publica. O Departamento de Imprensa da Conferência dos Religiosos, após um inquérito não exaustivo, registrou 144 órgãos (diários, semanais, mensais, anuais), publicados sòmente por institutos religiosos. Acrescentando-se os jornais, fôlhas e revistas dirigidos pelo clero secular, a soma dêsses órgãos de imprensa passará da casa dos 200. Esta cifra, pequena para os países europeus, é enorme para um país como o nosso.

É justo, sem dúvida, louvar a coragem que os diversos institutos religiosos manifestam, enfrentando e superando os inúmeros obstáculos que encontra entre nós qualquer empreendimento no setor da imprensa. Dignas de louvor são também as intenções que os levam a lançar mão dêste instrumento de apostolado: a difusão da doutrina cristã pela palavra escrita. Deve-se reconhecer a utilidade de muitas dessas iniciativas, bem como o proveito espiritual e os benefícios por elas alcançados em certas camadas do povo cristão. Em alguns dêsses órgãos, infelizmente, muito poucos, é justo ressaltar incontestáveis qualidades de fundo e de forma, que assinalam reais progressos sôbre a maioria das publicações anteriores a 1940. A apresentação técnica e artística tem melhorado bastante nestes últimos anos.

Entretanto, a verdade nos obriga a reconhecer a existência de muitas imperfeições e de graves lacunas na maioria dessas publicações. Um encontro de redatores católicos é uma ocasião oportuna para que se faça, a êsse respeito, um sincero exame de consciência.

Antes de mais nada, convém estabelecer uma classificação das revistas católicas publicadas no Brasil. Elas não são tôdas do mesmo nível, nem se

dirigem ao mesmo público. Apresentam, pois, caracteres distintos e enfrentam problemas diferentes.

Poder-se-ia propor a classificação seguinte:

1) — **Revistas de nível superior,** chamadas revistas de cultura. Dirigem-se, em geral, a um público especializado: clero, religiosas, catequistas, universitários, membros de movimentos de Ação Católica. A título de exemplo, poderíamos citar a REB, Sponsa Christi, Síntese etc. Raras são as que se dirigem a leigos de certa cultura, como "A Ordem" ou "Vozes" de Petrópolis.

2) — **Revistas de tipo médio,** que visam um público não especializado, apresentando artigos, crônicas, ensaios de interêsse geral. Manifestam um certo esmero na redação e na apresentação gráfica. São revistas como "Painel Brasileiro", "Nosso Século" ou "Mundo Melhor".

3) — **Revistas populares,** que são as mais numerosas e que poderiam ser ainda subdivididas em:

a) — infantís;

b) — juvenís;

c) — para um **público indistinto,** são, em geral, revistas informativas de vulgarização doutrinal ou simplesmente edificantes. São, via de regra, órgãos de propaganda de uma congregação religiosa ou de uma devoção particular.

As revistas de **nível superior** são, quase sempre, bem definidas e caracterizadas. Preenchem um lugar certo, sendo dificilmente substituíveis. Ao contrário dos países europeus, em que são excessivamente numerosas e por vêzes constituem dispensáveis duplicatas, no Brasil elas são raras e não exploram ainda todos os campos em que poderiam ser diversificadas: filosofia, teologia, psicologia, sociologia, espiritualidade, arte sacra etc. As existentes no Brasil já atingem um nível qualitativo apreciável e prestam reais benefícios à Igreja Católica.

As revistas de **tipo médio** são igualmente dignas de elogio e estímulo. Nota-se, porém, que quase tôdas ainda procuram seu caminho e necessitam de melhores equipes de redatores, ilustradores etc.

O problema maior é apresentado pelas **revistas populares,** vulgarmente e pejorativamente chamadas de "revistinhas". Elas se caracterizam, em geral, por uma manifesta mediocridade. Sofrem de improvisação, da falta de preparo em tôdas as linhas: doutrinal, técnica, gráfica, artística, jornalística etc. Os artigos são ou superficiais e insignificantes ou massudos e inadaptados. Há lacunas no conteúdo, na redação, na apresentação. O gôsto artístico deixa muito a desejar. Tudo isso as torna desinteressantes, monótonas, vazias, rançosas e enfadonhas. Pelo fato mesmo não têm audiência, nem penetração no público católico, muito menos nas esferas mais afastadas.

Em interessante artigo, publicado na REB (dez. 1962, pgs. 979 e seg.) o Pe. Irineu Leopoldino de Souza, após ressaltar os lados positivos dêsse gênero de publicações: coragem, boa vontade, esfôrço inconteste para melhorar, advoga a multiplicação dessas revistas. A seu ver, devem elas seguir o exemplo das revistas profanas. "Os profissionais da imprensa são partidários da diversidade e da multiplicidade. Cada grande revista é acom-

panhada de uma constelação de outras menores... A pluralidade é uma necessidade da própria técnica da imprensa. Cada qual com sua mensagem, na sua faixa própria de trabalho, com seu público próprio. Enquanto os leigos diversificam, nós pretendemos a unidade".

Concordamos até certo ponto com o autor. Não achamos, porém, que seja exatamente esta a situação das revistas populares católicas no Brasil. Pensamos, ao contrário, que elas incidem no êrro, por êle assinalado, no mesmo artigo, sem muita insistência: "É certo que haverá algum caso, ou poderá haver, de uma duplicata, de um **bis in idem** inútil e oneroso". É o que mais se nota na super-abundante seara das "revistinhas" católicas. Elas se repetem fastidiosamente. Reproduzem incansàvelmente (sem nenhuma preocupação de evitar o plágio ou de assinalar as fontes) os mesmos artigos, o mesmo noticiário, as mesmas estórias ou anedotas, os mesmos argumentos e até os mesmos clichés.

Uma multiplicidade aliada a uma diversidade útil e proveitosa existe ou pode existir em países mais adiantados. Nêles o público mais maduro pode discernir as qualidades e os defeitos das publicações que lhe são infringidas. Os escritos medíocres não têm nesses países grandes possibilidades de vingar e desaparecem quase que automàticamente.

No Brasil e, podemos dizer, nos países da América Latina, deparamos com um público piedoso, excessivamente paciente e tolerante, muitas vêzes por atrazo ou ignorância. Aceitam publicações medíocres, por causa da insistência com que lhe são oferecidas ou por vêzes impostas, por via de autoridade. Outras vêzes, recebem-nas por amizade, por dedicação, pela vontade de cooperar com obras católicas ou dirigidas por padres. Na realidade, um grande número de assinantes não as lê. Muitos jogam-nas, ao recebê-las, nos cestos de papéis velhos. Assinadas por alguma zeladora de irmandade ou filha de Maria, nunca são lidas pelos outros membros da família.

Estas revistas perderam ou nunca tiveram o condão de atrair e de interessar. Caem freqüentemente no sentimentalismo e na pieguice. Cheiram por demais à sacristia. Nos artigos de fundo, em geral, pobres e superficiais, predominam as notas moralista e sentimental. Veiculam anedotas ou estorietas de veracidade duvidosa ou incontrolável. Insistem em polêmicas baratas, por vêzes injuriosas e irritantes, baseadas em argumentos de cabo de esquadra. Até há bem pouco tempo, caracterizavam-se por uma ausência total de espírito ecumênico. Tratavam de questões sociais de maneira sumária e incompetente. E' de praxe professar um anti-comunismo ferrenho e unilateral, omitindo os ataques aos outros "monstros" que devoram a nossa sociedade. O catolicismo é apresentado de maneira açucarada e infantil ou então moralizante e autoritária.

Quase tôdas se inspiram no tipo de religião vigorosamente denunciado pelo Bispo de Bruges, Dom Smedt, no Concílio Ecumênico: triunfalista, clericalista, jurisdicista (ver REB, dez. 1962, p. 930). Há demasiada insistência nos aspectos moralistas, jurídicos, burocráticos. Os leigos são tratados como menores e admitidos "como por esmola" a uma participação maior na vida da Igreja. Nas relações com os pagãos ou irmãos separados há falta

de espírito de caridade, de missão, de verdadeiro ecumenismo. Até os clichés e ilustrações servem para entreter e alimentar a pieguice ou a agressividade. Por êstes e outros defeitos, a maioria das pequenas revistas católicas não logra audiência e penetração na massa do povo brasileiro, confinando-se a um público devoto extremamente reduzido.

Em presença dessa situação realmente grave, que remédios se poderiam apontar? Para evitar a dispersão de esforços, verificada em revistas de tipo e objetivos comuns ou semelhantes, o Pe. Irineu Leopoldino de Souza, embora contrário à unificação pura e simples, preconiza uma certa "coordenação de trabalhos, uma programação em comum de matéria, permuta de ajuda, aquisição de material na mesma fonte, para lhe reduzir o preço, serviços técnicos em comum, até chegar a uma distribuidora própria". Excelentes sugestões, de que se deverão, entretanto, estudar mais pormenorizadamente as soluções concretas.

Convencidos, porém, de que há uma proliferação exagerada de revistas do mesmo tipo, destinadas ao mesmo público, poderíamos sugerir aos que tencionam fundar novas revistas (o que hoje se torna cada vez mais difícil) que examinem primeiro se o nôvo rebento não virá a ser uma "duplicata", ou mesmo uma "triplicata" de revistas já existentes. Não seria muito melhor propagar e difundir algumas das mais antigas que se impusessem pela qualidade?

Em alguns casos é aconselhável ter a coragem ou a lealdade de desaparecer para permitir a outras revistas, melhor equipadas ou redigidas, de se expandirem e florescerem. É delicado assinalar as revistas que deveriam ser supressas. As dificuldades financeiras, agravadas dia a dia, se encarregarão talvez de eliminar, pela fôrça das circunstâncias, as que não quiserem fazer um esfôrço heróico e muitas vêzes inútil para sobreviver.

Quanto às que já conquistaram um certo público e podem ser fàcilmente mantidas, é necessário que procedam a uma severa auto-crítica para descobrirem e sanarem suas lacunas e defeitos. Impõe-se, na maioria dos casos, uma séria revisão dos métodos até hoje empregados. Muitas dormem inconscientes ou despreocupadas, quando se torna cada vez mais patente a necessidade de uma atualização de seus processos de fundo e de forma. Urge adotar meios mais apropriados para "apresentar a verdade aos homens do século XX, de maneira que êles a possam entender e amar" (Cardeal Alfrink).

A imprensa católica, poderoso meio de comunicação e difusão da doutrina cristã, forma valiosa de pregação pela escrita, deve utilizar todos os meios ao seu alcance para atingir realmente a sua finalidade. Com isso muito se preocupam o Papa João XXIII e o Concílio Ecumênico que, por meio de uma comissão especializada, estão elaborando decisões importantes sôbre os meios modernos de comunicação social.

É necessário dar ao povo cristão uma sólida formação religiosa, uma catequese pastoral que o conduza à plena luz do Evangelho e o integre, cada vez mais, na vida do Corpo Místico de Cristo. "Dilatentur spatia veritatis" (Pio XI).

ENSINO

SABEDORIA E PRUDÊNCIA

Irmão João de Deus, F.M.S.

Não basta ter razão. Importa saber ter razão.

Parece-nos que tal conceito se deva aplicar, de cheio, à vivência da lei n.º 4.024 (24-12-61) que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Todos sabemos que foi uma lei conseguida à ponta da espada, pelos adeptos da escola particular, cujo principal sustentáculo é a Igreja Católica.

Foi uma vitória muito contestada que sòmente se manterá, se corresponder aos seus objetivos, porquanto os seus poderosos inimigos aguardam apenas um momento propício, para destruí-la.

Um dos corifeus mais categorizados do estatismo escolar chegou a afirmar: — **Os colégios particulares reclamaram liberdade. A Lei lhes concede o que pediram. Mas, incapazes, êles serão afogados pela liberdade.**

◉ ◉ ◉

Foi dito e redito que Diretrizes e Bases, embora falha em mais de um ponto, no referente à conceituação democrática de liberdade escolar, é no seu conjunto, uma lei boa e que aceita os princípios católicos, sôbre educação, de modo bastante satisfatório. Injustificada, de todo, a opinião de alguns assim expressa: **A Lei tem muitas Diretrizes e poucas Bases.**

É muito cedo ainda para se proferir um julgamento acertado, sôbre uma Lei em si complexa, precipitadamente aplicada e apenas com um ano de vigência.

No afã de lhe achar defeitos e maldizê-la, certa imprensa pretendeu inculpá-la pelos fracassos dos alunos reprovados, em fins do primeiro ano de sua aplicação, confundindo dispositivos jurídicos com modalidades pedagógicas ou normas regulamentares, ou ainda deficiências pessoais de seus intérpretes teóricos ou práticos. Foi uma difamação contra a Lei.

Dois princípios fundamentais ressaltam nas Diretrizes e Bases: o da liberdade e o da flexibilidade.

De fato, os educadores brasileiros conseguiram a alforria de seu ministério e de sua profissão. E assim devia ser. Ninguém mais que os médicos para falarem em medicina, ninguém mais que os juristas para tratarem de assuntos jurídicos; ninguém mais que os militares para cuidarem de objetivos militares. Do mesmo modo ninguém mais que os educadores para decidirem sôbre interêsses de educação.

Estão êles agora, em pleno gôzo de seus direitos e, por isso, igualmente, assumindo imensa responsabilidade. Hão êles de demonstrar que fizeram jus aos seus reclamos. Do contrário, ficarão desacreditados e apontados como incapazes de cumprir a missão a que se entregaram: a de educadores,

permanecendo assim, a descoberto, para a acusação de "comercializadores do ensino".

Por isso é que necessitamos nos pôr à tarefa com fé, com esperança e até com certa ousadia, mas tudo subordinado à prudência, dessa prudência "côr de mêdo" de que nos fala Antero de Figueiredo, em seu D. Sebastião, quando nos transcreve a resposta do duque d'Alba, ao jovem rei, ao achar êste que o famoso cabo de guerra não o aprovava, em sua louca projetada campanha na África.

Aqui, pois, cabe a prudência, afim de que essa liberdade que tão eufòricamente alguns estão vivendo, não venha a causar a perda dessa mesma liberdade. Cumpre-nos evitar até os pretextos, quanto mais as razões.

Queiramos ou não, e por mais lógicos que pretendamos ficar, hemos de tolerar certas incompreensões do público, afim de se evitarem contratempos, alguns dêles por demais desagradáveis, certamente. Devemos nos munir, nestas circunstâncias, de muita psicologia compreensiva.

◉ ◉ ◉

A Lei de Diretrizes e Bases foi uma lei revolucionária. Alterou todo o sistema até então vigente, nos seus mais profundos alicerces. Acostumados como andávamos, govêrno, professôres, alunos, famílias, a tudo vir pautado em seus mais mínimos pormenores: currículos, horários, programas, de um dia para outro, estabelece-se em tudo isso a mais ampla liberdade.

Quem não compreenderá que daí haviam de surgir, a princípio, confusão, incertezas, mal entendidos, equívocos de tôda natureza mas que a boa vontade das autoridades e dos responsáveis pelo cumprimento da lei nos Colégios, procurariam desfazer, o mais breve possível?

◉ ◉ ◉

Ousaríamos a esta altura, chamar a atenção sôbre o artigo 20 da Lei em questão, que assim reza:

"Na organização do ensino primário e médio, a lei federal ou estadual atenderá:

a) à variedade de métodos de ensino e formas de atividade escolar, tendo-se em vista as peculiaridades da região e de grupos sociais;

b) ao estímulo de experiências pedagógicas com o fim de aperfeiçoar os processos educativos.

Confessamos que temos mêdo da aplicação dêste artigo, se não lhe assistir criteriosa prudência.

Quando se tentam métodos ou processos novos, em educação, urge que êles apresentem certas condições mínimas de êxito, doutro modo, faríamos de nossos alunos simples cobaias, com veleidades transformadoras, no campo da pedagogia.

Se tal acontecesse, ficaria desrespeitada a personalidade do educando e, certamente, surgiriam reações das famílias ao se julgarem ludibriadas, por aquêles com a missão de lhes formarem os filhos, dêles se terem servido como instrumentos de experiências, não devidamente fundamentadas.

A assertiva que as gerações futuras tirariam proveito de tais experiências, no campo pedagógico, não basta para justificação de tal ousadia, como o papa João XXIII não aprova, no campo econômico, o excesso de sacrifícios das atuais gerações em pról das futuras (Mater et Magistra, D. P. N.º 66).

◉ ◉ ◉

Se nem sempre podemos dar ouvidos às queixas das famílias e, por vêzes, até devendo contrariá-las, não quer isto significar, descuidá-las completamente.

Sobretudo, no atual momento, convém tomar conhecimento dos pezares que nos apresentaram. É que, além do mais, encontramo-nos em verdadeira fase experimental e a nós interessa-nos saber de tôdas as repercursões para poder julgar, seguindo aliás o sábio conselho de S. Paulo: — **Examinai tudo, e ficai com o que é bom** (I Tess. V, 18).

Assim, por exemplo, não deixa de ser motivada a estranheza das famílias quanto à variedade de critérios no aferimento das notas, numa mesma região.

Existe a mesma causa de estranheza, na confusão estabelecida quanto às transferências de segunda época, o que veio a ficar agravado com a extensão posterior a exame até de 4 matérias.

◉ ◉ ◉

É imprescindível exclarecer a opinião pública sôbre a Lei de Diretrizes e Bases e sua aplicação.

As próprias autoridades do Ministério da Educação ainda se encontram inseguras, em determinadas interpretações.

Em todo caso, houve-se êsse Ministério, por haver organizado, no início de cada ano, uma série de cinco conferências, tendo como tema a citada Lei, pelo secretário do Conselho Nacional de Educação, Dr. Prado Kelly.

Consciente de suas responsabilidades, neste ponto, a Federação Brasileira de Estabelecimentos Particulares de Ensino, no seu VII Congresso, realizado em S. Paulo, de 14 a 21 de janeiro, fez girar o temário em tôrno desta mesma Lei, e tendo apresentado três magníficos trabalhos, sôbre o assunto:

1) **A Lei de Diretrizes e Bases e sua aplicação,** por Thompson Flôres Neto;
2) **A Lei de Diretrizes e Bases e o emprêgo dos recursos públicos destinados ao ensino,** por Carlos Pasquale;
3) **A Lei de Diretrizes e Bases na Educação Brasileira,** por Gildásio Amado.

Competiria à Federação Nacional dos Estabelecimentos Particulares, bem como aos Sindicatos Estaduais melhor fazer conhecer a lei, através da imprensa, em seus diversos sectores.

Papel importante cabe aos próprios colégios, em tal questão, valendo-se das famílias de seus alunos.

Nesta altura, poderemos avaliar a importância das Associações de Pais e Mestres ou congêneres. Elas devem constituir o baluarte das liberdades democráticas, sempre combatidas, primeiramente com o desaparecimento da liberdade de ensino.

Estas Associações jurìdicamente federadas ou confederadas constituem uma fôrça tremenda, infelizmente ainda não empregada e, portanto, não sentida.

Os colégios católicos, quase todos congreganistas, dispõem ainda de duas outras fontes de informação e de apoio, de primeiríssima ordem: a A. E. C. e a C. R. B.; a primeira, com o boletim SERVIR e suas múltiplas circulares; e a segunda, com a sua preciosa REVISTA mensal.

Seria realmente lamentável, para nós, religiosos, se desconhecêssemos ou menos prezássemos meios tão importantes que a Divina Providência põe em nossas mãos, para podermos cumprir nossa augusta missão.

ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DOS EDITÔRES CATÓLICOS

ASSEMBLÉIA GERAL

CONVOCAÇÃO

Nos têrmos do Art. 12, letra a), inciso 3.º dos Estatutos sociais e do deliberado no 2.º Encontro realizado no Rio de Janeiro, a 21 e 22 de janeiro de 1963, convocamos a Assembléia Geral Estatutária da Associação Profissional dos Editôres Católicos para as quinze (15) horas do dia (25) vinte e cinco de julho de 1963. A reunião será no salão da Ordem Terceira do Convento de Santo Antônio, Largo da Carioca, Rio de Janeiro, G.B., com a seguinte ORDEM DO DIA:

1) Relatório da Diretoria,
2) Eleição e posse da nova Diretoria,
3) Redação e aprovação final dos Estatutos,
4) Assuntos diversos.

Obs.: Se necessário, haverá outra (s) reunião (ões) no dia seguinte, 26 de julho.

Tôda correspondência deve ser enviada ao Departamento de Imprensa da CRB, Av. Rio Branco, 131, 9.º and., Rio de Janeiro, GB.

Rio de Janeiro, 2 de abril de 1963
Frei Matias Heidemann OFM
Presidente da APEC

MOVIMENTO DE NATAL

O ENCONTRO DE NATAL E O APOSTOLADO DOS RELIGIOSOS DO N. E.

(Natal, 10 a 19 de janeiro de 1963)

Pe. Tiago G. Cloin CssR

A decisão da V Assembléia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (2 a 5 de abril de 1962), de dividir o território nacional em sete Secretariados regionais de Pastoral, deu um particular impulso ao planejamento e à organização da Pastoral dos Bispos do Nordeste.

I — O Encontro

1. Testemunho disto foi o **Encontro dos Secretariados de Dioceses e Províncias eclesiásticas do Nordeste,** realizado de 10 a 19 de janeiro u.p., em Natal-RN. Aproximadamente 150 pessoas participaram nêle, entre Bispos, Sacerdotes seculares e regulares, Religiosas, leigos e leigas, representando 24 circunscrições eclesiásticas (Arquidioceses, Dioceses e Prelazias) e 21 Províncias Religiosas. O Exmo. Sr. Dom Eugênio de Araújo Sales, Administrador Apostólico da Arquidiocese de Natal-RN e responsável pelo Secretariado Regional do Nordeste, coordenou os trabalhos dêste importante encontro, assistido pelos Revmos. Pes. José Marins e Valfredo Tepe, OFM, da equipe nacional do Movimento por um Mundo Melhor.

2. **Os trabalhos decorreram em quatro períodos.** Os primeiros três dias foram dedicados à revisão espiritual dos próprios participantes, sob a orientação da equipe nacional do MMM. No dia seguinte fez-se a revisão do planejamento, elaborado em princípios de 1962, passando em impressionante revista as atividades pastorais realizadas durante o ano passado nas 24 circunscrições eclesiásticas representadas no encontro. Em seguida dedicaram-se quatro dias ao aprofundamento do Plano de Emergência da CNBB e sua aplicação ao Nordeste, tratando-se sucessivamente: a realidade brasileira em geral e a nordestina em particular, a Pastoral de conjunto, a renovação paroquial e do ministério sacerdotal e a renovação dos educandários. O planejamento para 1963 ocupou os dois últimos dias.

3. Foram os **círculos de estudo** que contribuiram mais para a eficiência do Encontro. Sua composição variava com a sucessão dos quatro períodos de trabalho. Problemas comuns a todos os participantes eram tratados em círculos compostos de Sacerdotes, Religiosas e leigos. Para tratar problemas específicos de cada um dêstes grupos havia círculos privativos dos mesmos. Os assuntos das várias Províncias eclesiásticas se estudavam em círculos compostos de representantes das respectivas áreas geográficas e para os problemas apostólicos do Nordeste como tal, os participantes do Encon-

tro se reuniam em círculos conforme os diversos sectores de Pastoral. Simultâneamente trabalhavam as várias comissões, preparando o roteiro do planejamento dos últimos dois dias, como ainda as conclusões gerais do Encontro.

4. Reinava no Encontro um **clima de grande abertura e franqueza**, um espírito de solidariedade e de responsabilidade comum para com o Nordeste inteiro, resultante de uma larga visão de Igreja, excluindo qualquer individualismo e particularismo. Dom Eugênio frisou: "Devemos adquirir, antes de mais nada, uma verdadeira visão nordestina. Ninguém pode ficar satisfeito com o resultado de seu trabalho, com a eficiência de sua obra, com o dinamismo de sua paróquia ou diocese. Pois, enquanto na Pastoral nordestina continua a haver notáveis lacunas de zonas geográficas e de setôres vitais, não podemos estar satisfeitos com a Pastoral do Nordeste". Dominava a todos uma profunda, mas salutar angústia pela situação da Igreja nordestina, aliada a uma vontade decidida de não desanimarem perante os enormes problemas pastorais. Padres, Religiosas e leigos que muitas vêzes estão tremendamente sofrendo pelo isolamento neste imenso Nordeste que, segundo a expressão de Dom Eugênio, é o "maior país da América Latina, depois do Brasil", testificavam que se sentiam confortados e amparados pelo dinamismo dêste movimento pastoral e pelo mútuo estímulo dos participantes a darem o melhor de seus esforços à causa da Igreja nordestina.

II. O entrosamento do Apostolado dos Religiosos com a Pastoral do Nordeste:

Os **Superiores e Superioras Maiores** (ou seus delegados) das 21 Províncias religiosas, representadas no Encontro, realizaram, sob a presidência de Dom Eugênio e com a presença do Secretário Geral da CRB, quatro reuniões, tratando o entrosamento do apostolado dos Religiosos e Religiosas com o Plano de Emergência da CNBB e sua aplicação à realidade nordestina.

1. Antes de mais nada, estabeleceram-se alguns princípios que orientassem o govêrno das Províncias religiosas do Nordeste. Entrosando-se com o Plano da CNBB, não se trata de nivelar as Congregações. Antes pelo contrário! A melhor contribuição de cada Instituto religioso para a Pastoral dos Bispos do Nordeste será sempre a de viver em profundidade o espírito próprio à Congregação e de aperfeiçoar o apostolado específico da mesma. Mas, salvo êste princípio fundamental, é indispensável para o entrosamento com a Pastoral nordestina que os Superiores e Superioras Maiores criem uma visão verdadeiramente "nordestina", mesmo se a área que suas casas abrangem, não se extende ao Nordeste todo. Não devem contentar-se com um conhecimento superficial da região, mas procurar uma visão clara e profunda de tôda a problemática social e religiosa.

A Igreja do Brasil e particularmente a do Nordeste está apelando aos Institutos religiosos para tarefas, para as quais a Igreja de outros continentes, como a Europa e a América do Norte, não costuma apelar. E' a tarefa dos Superiores e Superioras Maiores a de interpretar contínua e pormeno-

rizadamente para a Cúria generalícia as necessidades espirituais específicas do Nordeste.

Quando o conselho provincial, depois de madura reflexão, chegar à conclusão de que a situação pastoral do Nordeste exige particulares adaptações dos costumes da Província ou eventualmente certas excepções às Constituições da Congregação, os Superiores e Superioras Maiores devem ter a coragem de usar as faculdades que as Constituições ou a Cúria generalícia lhes concedem. Caso, porém, fôr necessário recorrer ao Superior ou Superiora Geral, não devem limitar-se a simplesmente relatar a situação nordestina, mas pleitear como advogados a causa da Igreja do Nordeste. A CNBB, através do Secretário responsável pelo Secretariado regional do Nordeste, e a CRB, através do Secretário Geral, se prontificam, conforme a utilidade ou necessidade do caso, a recomendar à Cúria generalícia o atendimento ao pedido do Superior ou Superiora Maior.

2. Como **resultado prático** das reuniões dos representantes das Províncias religiosas, surgiu uma **série de sugestões** que pudessem ajudar os Superiores e Superioras Maiores a colaborarem, no espírito do Plano de Emergência da CNBB, na aplicação do mesmo à realidade nordestina.

a. O plano de Emergência seja lido em comunidade e debatido, assim como aprofundado em círculos de estudo da Comunidade.

b. Recomenda-se, com insistência, os Cursos do Mundo Melhor: 1) para Superiores e Superioras Maiores, a serem organizados pela CRB em Recife-PE, para as Revmas. Madres provinciais de 15 a 21 de abril e para os Revmos. Padres e Irmãos provinciais, de 5 a 10 de agôsto p.f.; 2) para religiosos e religiosas, quando houver no seu Estado.

c. Particular atenção deve ser dada aos Noviciados, o futuro das Províncias religiosas, sobretudo cuidando do aperfeiçoamento espiritual. Recomenda-se neste sentido para as Religiosas o Curso para Mestras de casa de formação e Madres Gerais e Provinciais, que será organizado pela CRB, de 23 a 28 de abril, em Recife.

d. Que a Renovação dos Educandários, um dos principais pontos do Plano de Emergência, seja iniciada em todos os Colégios do Nordeste, de acôrdo com as possibilidades. Para isto, recomendamos, além do têxto resumido do próprio Plano, a leitura do livro do Pe. José Marins, "A Escola em Missão", e do artigo do Pe. Hugo Paiva, CM, "A Escola, comunidade missionária?", publicado no número de março desta Revista.

e. Cada Província devia fazer questão de contribuir para a Pastoral do Nordeste, aceitando, se ainda não a tem, uma fundação em zona particularmente sacrificada e difícil, como "quota de sacrifício" da Província.

f. Finalmente, no intúito de ajudar a imaginação dos Superiores e Superioras Maiores na procura de meios práticos de colaborar na execução do plano de Pastoral do Nordeste, fizeram-se ainda as seguintes sugestões:

(1) assumir alguma área "missionária" na paróquia, na qual está situada a casa religiosa, para um trabalho de catequização, de alfabetização ou assistencial;

(2) maior seria a cooperação, assumindo a responsabilidade de **coordenar e supervisionar** as várias obras já existentes ou a serem criadas, de um setor apostólico inteiro na Paróquia: catequese, alfabetização, etc.;

(3) divulgar o conhecimento e a vivência da justiça social e livrar-se o mais possível de cargos administrativos em hospitais ou outras obras de contrato;

(4) facilitar cursos de formação de líderes, cedendo para isto prédios durante as férias, ou mesmo promovendo os mesmos cursos;

(5) pôr à disposição do secretariado paroquial, diocesano ou provincial um religioso ou religiosa com tempo integral ou parcial;

(6) ceder um excelente elemento para integrar a equipe do Movimento por um Mundo Melhor em plano nordestino;

(7) promover verdadeiro entrosamento com as demais comunidades, baseado num profundo espírito de oração e na vontade firme de colaboração para a união dos Religiosos e Religiosas.

◉ ◉ ◉

Entre os muitos resultados positivos do Encontro convém destacar dois. Em primeiro lugar: a visão e o dinamismo pastorais do Nordeste ganharam em estensão e em profundidade, concretizando-se em um planejamento mais aperfeiçoado da Pastoral das Dioceses, das Províncias eclesiásticas, o do Nordeste em seu conjunto. Em segundo lugar: as Províncias religiosas, representadas no Encontro, iniciaram conjunta e sistemàticamente o entrosamento de seu apostolado com o Plano de Emergência da CNBB em geral e com a Pastoral nordestina em particular.

O próximo Encontro dos Secretariados diocesanos e provinciais do Nordeste já está marcado para 8 a 18 de janeiro de 1964. O Secretariado Regional dos Bispos nordestinos, sob a esclarecida e firme orientação de Dom Eugênio de Araújo Sales, está caminhando resolutamente para uma verdadeira "Pastoral de conjunto" desta imensa e importante área.

ESTATÍSTICA

ORDENS, CONGREGAÇÕES E SEDES DE GOVÊRNO NOVAS NO BRASIL (1961)

I — **Congregações novas chegadas do exterior**

1) — Congregação Americana Cassinense da Ordem de São Bento — instalada em Mineiros — GO
2) — Congregação de Subiaco da Ordem de São Bento — instalada em Curitiba — PR. (Contemplativa)
3) — Congregação dos Irmãos da B. V. M. Mãe da Misericórdia — instalada em Belo Horizonte — MG.

II — **Congregação fundada no Brasil**

1) — Congregação Brasileira da Santa Cruz da Sagrada Ordem Cisterciense. (Congregação Monástica fundada com as 3 Abadias Cistercienses existentes no Brasil: Abadia N. S. da Sta. Cruz em Itaporanga, SP; Abadia N. S. da Assunção em Itatinga, SP e Abadia N. S. Mãe do Divino Pastor em Mundo Novo, BA. Residência do Abade Praeses: Itaporanga, SP.

III — **Novas sedes de govêrno procedentes do exterior**

1) — Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (Custódia), com séde em Pôrto Seguro, BA.
2) — Ordem dos Pregadores (Vigária Provincial), com séde em Borrazópolis, PR.

IV — **Nova sede de govêrno desmembrada de outra já existente no Brasil**

1) — Vice-Província Salvatoriana Brasileira do Norte, da "Sociedade do Divino Salvador". Desmembrada da Província Brasileira, hoje, Província Brasileira do Sul.

CONGREGAÇÕES E SEDES DE GOVÊRNO REGISTRADAS NO D.E. EM 1961 E 1962

I — **Novas congregações chegadas do exterior**

1) — Congregação das Irmãs de Caridade — instalada em Tupi Paulista — SP.
2) — Congregação das Pobres Irmãs do Divino Infante — instalada em Garanhuns — PE.
3) — Instituto das Irmãs da Divina Vontade — instalada em Fartura — SP.

4) — Congregação das Irmãs Franciscanas da Bemaventurada Virgem Maria dos Anjos — Instalada em Bacabal — MA.
5) — Congregação das Irmãs Franciscanas dos Pobres — instalada em Pires do Rio — GO.
6) — Congregação das Irmãs da Caridade de Nossa Senhora Mãe da Misericórdia — Instalada em Bodocongó, município de Campina Grande — PB.
7) — Congregação das Pobres Filhas dos Santos Estigmas de São Francisco de Assis — instalada em São Paulo — SP.
8) — Congregação das Irmãs de Santa Clara — instalada em Niterói — RJ.
9) — Congregação das Filhas de Santa Maria da Providência — instalada em Camobi, município de Santa Maria — RS.
10) — Congregação das Irmãs de São José de Cluny — instalada em Lucélia — SP.
11) — Congregação das Missionárias Franciscanas de Santo Antônio — Instalada em Esperança — PB.

II — Instituto Secular fundado no Brasil

Instituto de Auxiliares das Vocações Sacerdotais — fundado em São Paulo, onde tem sua Séde Geral.

III — Novas sedes de govêrno

1) — Inspetoria Laula Vicuña, do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. Desmembrada da Inspetoria Maria Auxiliadora, de Recife, em janeiro de 1961, com Sede em Manaus— AM.
2) — Província do Sul, da Congregação das Franciscanas Hospitaleiras Portuguêsas. Desmembrada da Província do Norte, em 1.º de março de 1961, com Sede em Pirassununga — SP.
3) — Província de Santa Cruz, da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora, foi desmembrada em 13 de maio de 1962, dando origem à Província de Nossa Senhora Aparecida, com Séde em Canoas, RS.

Rio de Janeiro, 29-12-1962
Departamento de Estatística da CRB.

PROGRAMA DO CURSO DE PASTORAL DA C. R. B.

I. Introdução

— Curso do Movimento "Mundo Melhor" — (uma semana).
1. Introdução à Pastoral no Brasil — (8 aulas), Pe. Tiago G. Cloin CssR.

II Teologia Pastoral (12)

2. Pastoral Sistemática — (12 aulas), Frei Bernardo Catão OP.

III. Realidade Brasileira (44)

3. Problemas nacionais — (10 aulas), Dr. Luiz Gonzaga Arrôbas Martins.
4. Sociologia religiosa no Brasil (12 aulas), Frei Antônio Rolim OP.
5. Comunismo — (6 aulas), Pe. Michel Schooyans.
6. Movimentos e organismos internacionais (4 aulas), Frei Lepargneur OP.
7. Espiritismo — (6 aulas), Frei Boaventura Kloppenburg OFM.
8. Protestantismo e Ecumenismo — (6 aulas), Frei Lepargneur OP.

IV. Psicologia (22)

9. Psicologia evolutiva (das idades);
   Psicologia social (das classes);
   Psiquiatria pastoral — (14 aulas), Dr. Roberto Freire.
10. Psicologia religiosa (comportamento religioso) — (8 aulas), Frei Maurício Bruni OC.

V. Ação Social (26)

11. Teoria da promoção humana — (6 aulas), Uma Assistente Social;
    Aplicação ao meio urbano — (10 aulas), Frei Barruel OP;
    Aplicação ao meio rural — (10 aulas), Madre Maria Lúcia CRSA.

VI. Ação Pastoral (88)

12. Atitude pastoral do Sacerdote — (10 aulas), Frei Maurício Bruni OC
13. Pastoral paroquial e comunitária:
    — Pregação — (14 aulas), Frei Lepargneur e Frei André Muniz OP
    — Liturgia — (18 aulas), Pe. Vicente Teixeira Leite;
    — Movimentos e apostolado dos leigos (uma equipe) — (20 aulas).
14. Pastoral catequética — (14 aulas), Irmão Cristóvão FSC.
15. Pastoral vocacional — (6 aulas), Pe. Bertrand de Margerie SJ.

Total: 200 aulas.

DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA

CURSO DE ESTATÍSTICA DO CERIS

Realizou-se, de 15 a 26 de janeiro, no Rio, um Curso de Estatística, promovido pelo Departamento de Estatística do CERIS. Êste curso nasceu da imperiosa necessidade de organizar o serviço de estatística dos Secretariados Regionais da CNBB.

Pequeno histórico: Desde a criação dos Secretariados Regionais, o Departamento de Estatística tem recebido insistentes pedidos, pessoalmente e por carta, para fornecer dados estatísticos, orientações sôbre levantamentos, modelos de questionários, etc., por parte dêsses Secretariados. Nada melhor para atendê-los do que preparar-lhes pessoal que respondesse ali mesmo, nos próprios Regionais, às suas necessidades. Isto porque, nem todos os dados estatísticos de que o Regional precisa para a execução do plano de emergência estão enquadrados dentro do plano de trabalho do DE. Além disso, a organização de uma agência de estatística do CERIS está sendo reclamada nos Secretariados. Ela lhes dará a possibilidade de ter às mãos todo o material, em âmbito regional, de que o DE dispõe, e que será usado normalmente pelos Regionais.

A possibilidade da concretização de uma velha idéia, de grande proveito para a Igreja, surgiu com o plano da realização de curso de Estatística: formar pessoal nas Cúrias Arquidiocesanas para se encarregar de manter, o mais uniformizado possível com o DE, o serviço de estatística da Província Eclesiástica. Como se pode deduzir, a Igreja no Brasil só tem a lucrar com isto.

Assim as orientações foram sistematizadas e o programa elaborado. Para certificar os senhores Arcebispos, e os encarregados dos Regionais, da realização do curso, uma circular foi enviada a todos êles, em princípios de dezembro, época não muito propícia, pois nem todos haviam voltado de Roma.

Realização — Atenderam ao convite cinco Regionais e três Arquidioceses:

Secretariado Regional do Norte — sede em Belém;
Secretariado Regional do Nordeste — sede em Natal;
Secretariado Regional Leste 2 — sede em Belo Horizonte;
Secretariado Regional Sul 1 — sede em São Paulo;
Secretariado Regional Centro-Oeste — sede em Goiânia;
Província Eclesiática de Juiz de Fora;
Província Eclesiástica de Aparecida;
Província Eclesiástica de Pouso Alegre.

Esteve presente, também, o Secretariado Nacional das Vocações Sacerdotais, com duas representantes, aproveitando a oportunidade do curso.

O programa constou de: **Parte teórica:** Sistema estatístico — 7 aulas;
Fundamentos de metodologia estatística — 5 aulas;

Organização de arquivo — 2 aulas;
Organização de biblioteca — 3 aulas;
Levantamento paroquial (aulas informativas) — 4 aulas.

Parte prática: 4 tardes de estágios no DE;
5 tardes de exercícios (estudos orientados) sôbre os assuntos da parte teórica;
2 tardes de construção de gráficos.

Foram feitas visitas: à Biblioteca da Faculdade Santa Úrsula, ao Departamento de Estatística e Documentação de Rêde Ferroviária Federal S.A., órgão filiado ao IBGE.

Aproveitamento do curso — Embora só se possa dar uma opinião segura depois de voltarem aos seus trabalhos e colocarem em prática o que viram e aprenderam, pode-se, sem receio, dizer que as cursistas aproveitaram além da espectativa. Algumas já levaram daqui questionários, a serem utilizados logo regressem, elaborados por elas mesmas. Compreenderam bem o valor e a necessidade de dar à Igreja essa colaboração de um trabalho de estatística organizado e seguro. Fizeram algumas os seus planos, e os levam para a aprovação do seu Bispo. Algumas opiniões darão a idéia do aproveitamento:

"O Regional em pleno funcionamento sentia a necessidade do curso". (Centro-Oeste).

"Para Natal o curso chegou bem na hora. O movimento de Natal em favor do Nordeste é uma realidade. Porém carece de melhor estruturação, o que se espera com a organização da Agência do CERIS naquela Região" (Natal).

Esperamos, portanto, que o esfôrço de cada uma, com as bênçãos de Deus, frutifique para a Igreja de Jesus Cristo, Nosso Senhor.

Agradecimento — A hospedagem acolhedora da Casa de Nossa Senhora da Paz, teve uma nota de louvor. O curso teve o ambiente indispensável para o seu bom funcionamento. Nossos agradecimentos e as orações para que Deus não cesse de dar aos que lá trabalham êsse espírito de alegria, amizade e, sobretudo, de colaboração.

Departamento de Estatística do CERIS

SECÇÕES ESTADUAIS

RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA CRB-RS EM 1962

Apontaremos, em rápida visão de conjunto, as atividades da Secção Gaúcha durante o ano de 1962.

As primeiras notícias sôbre a aquisição da sede própria e a instalação dos serviços de fornecimento da CRB-RS, à Avenida Borges de Medeiros, foram dadas pelo R. Ir. José Prosper, secretário de 1956 a 1961, no relatório anterior. Agora só nos resta dizer que os trabalhos prosseguem com

muito entusiasmo e interêsse, que o movimento da parte comercial é grande, tendendo a desenvolver-se sempre mais, de modo que a sede já é pequena. O projeto para a compra ou construção de um prédio maior, em que além da secção comercial com depósito, etc., se possa instalar uma hospedaria para Religiosos, alfaiataria eclesiástica, etc., está entrando na fase final, com o apoio e aplauso não só dos Religiosos mas também dos Exmos. Srs. Bispos e do clero.

I — Instituto "Deus Sapientia"

No dia 10 de março foi instalado solenemente o **Instituto "Deus Sapientia"**, Curso Superior de Ciências Religiosas, anexo à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. O mérito da iniciativa cabe, em grande parte, ao R. Pe. Gèza Koevecses, S. J.

Foi nomeado Diretor o R. Pe. Frei Teodoro, OFMCap., que proferiu a aula inaugural. Falou inicialmente o R. Pe. Tiago G. Cloin, CssR., sendo que Sua Excia. Rvma. D. Edmundo Kuntz, DD. Bispo Auxiliar de Pôrto Alegre, celebrou a Missa vespertina e fêz a prática, desenvolvendo magistralmente o tema "Deus Sapientia".

Nos exames vestibulares inscreveram-se e foram aprovados 29 alunos, dos quais 25 concluíram o primeiro ano. O total das aulas dadas foi de 540. No presente ano a matrícula foi menor, pelo que se admitiram alguns elementos leigos bem seletos. No dia que a CRB-RS puder oferecer hospedagem, em regime de pensionato, no hotel em projeto, haverá alunos dos estados vizinhos.

II — Conferências Mensais

Em março, como de praxe, reiniciaram-se as conferências mensais para as Religiosas da capital e arredores, no Colégio Sévigné, bem como as reuniões da Diretoria da CRB-RS.

Houve, ao todo, oito conferências no decurso do ano, com uma assistência média de 300 a 400 religiosas. Com exceção de duas, as conferências foram dadas pelo R. Pe. Víctor Steffen, S. J., Presidente da Secção.

Neste ano, após a conferência ascético-religiosa, haverá debate, por grupos de interêsse, de um tema prèviamente indicado. Será organizado outrossim o coral das Religiosas da capital.

III — Cursos

De 20 a 28 de julho realizou-se, no Colégio Sévigné, o Curso de Doutrina Social da Igreja, organizado por uma equipe de Padres Jesuítas (da Província Goiano-Mineira), em colaboração com a CRB-RS. Diplomaram-se 387 pessoas, a grande maioria religiosos. Porém a frequência diária ultrapassava a casa dos quinhentos. O entusiasmo e o interêsse foi geral, não faltando quem abandonasse as aulas de outros cursos para acompanhar as dêste. A dedicação e a competência dos organizadores bem como dos conferencistas ficam acima de qualquer encômio.

D. Vicente Scherer, DD. Arcebispo Metropolitano, fêz a entrega dos

diplomas, no encerramento, e coroou o curso com sua palavra autorizada sôbre as exigências sociais cristãs do momento presente.

Ainda no mês de julho, a CRB-RS promoveu três cursos de "recrutamento Vocacional", nas cidades de Caxias, Santa Maria e Passo Fundo. Contou para tanto com a colaboração do R. Pe. Bertrand de Margerie, S. J., especialista na matéria.

Procurando unir numa só alma e num só coração, em busca do mesmo ideal, tôdas as Congregações Femininas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, a CRB-RS promoveu, sob os auspícios do Secretariado Regional da CNBB, um encontro para Superioras e Mestras de noviças. O local do encontro foi o Instituto do Imaculado Coração de Maria, Casa Generalícia das Irmãs do mesmo nome. De 27 a 30 de setembro, contando sempre com a presença de vários Bispos, ventilaram-se e debateram-se os problemas da colaboração com a Jerarquia, da formação no noviciado e no juniorato. Como resultado dêste encontro foi confeccionado um plano para o noviciado, outro para o juniorato, e uma síntese bibliográfica. Posteriormente a CRB-RS mandou cópias mimeografadas às participantes e demais interessadas dêsses documentos.

Participaram do encontro:

4 Superioras Gerais,
23 Superioras Provinciais,
24 Mestras de noviças e
67 Assistentes Gerais e Provinciais e Superioras locais, 118 ao todo.

O Departamento de Enfermagem, tendo à frente a Rvda. Irmã Eunice, Diretora da Escola de Enfermagem Madre Ana Moeller, organizou um curso de "Práticas de Enfermagem", de 6 a 24 de novembro. Destinava-se exclusivamente a Irmãs que trabalham na enfermagem sem terem tido oportunidade de fazer algum curso. A aceitação e o aproveitamento foram ótimos, levando tôdas as inscritas o seu certificado.

IV — Núcleos

A fim de que os Religiosos possam usufruir, mais de perto, dos benefícios, tanto de ordem espiritual como material, da Conferência, foram organizados oito núcleos pelas cidades interioranas. A vida e o florescimento dos núcleos dependem da estabilidade de seus diretores. O Pe. Presidente da CRB-RS visita-os todos, no mínimo, uma vez por ano. Porém, como já frisamos, a mudança demasiado freqüente dos Padres Diretores tem comprometido um tanto a prosperidade de um ou outro dos núcleos gaúchos. No último ano (1962) o Pe. Presidente deu maior e mais assídua assistência aos núcleos acéfalos. Desde a sua fundação até o presente têm-se distinguido os núcleos de Santa Maria, Passo Fundo e Erexim, sobretudo porque não houve substituição de Diretores.

V — Semana das Vocações Religiosas

De acôrdo com a Autoridade Diocesana, consagrou-se a quarta semana (21 — 28) de outubro às vocações religiosas. Além dos programas parti-

culares e internos dos colégios e comunidades, houve largo programa de iniciativas de conjunto: Missas comunitárias de abertura e encerramento, programas radiofônicos e televisivos, com a participação de Religiosos e Religiosas da capital e arredores. Foi notável o espírito de colaboração e fraternidade. Maiores sacrifícios exigiu a **"Mostra Sócio-Religiosa"**, cuja direção artística estava a cargo das Irmãs de Jesus Crucificado. A exposição — franqueada ao público numa das ruas mais movimentadas da capital, Salgado Filho — dava uma visão de conjunto das mais diversas atividades apostólicas dos Religiosos do Rio Grande do Sul. Uma prova inequívoca do acabamento artístico da exposição, além dos inúmeros elogios lançados no livro de visitas, tivemos no empenho duma escola de artes e decorações da capital de nos comprar os conjuntos, para uma exposição da sua escola. Achamos, porém, de melhor alvitre rifar os conjuntos entre as comunidades interessadas, na esperança de prolongar, dêste modo, os efeitos da exposição.

Ao findar o ano, graças a Deus, com ótimos resultados, e a consolação de têrmos prodigalizado grandes benefícios aos que constituem a Secção Gaúcha da CRB, através dos serviços espirituais e materiais, elevamos nossas vozes num "Te Deum" de ação graças, fazendo votos que o ano de 1963 seja ainda mais rico em bênçãos divinas e em realizações em pról dos Religiosos do Rio Grande do Sul.

Ir. Marisa, Secretária.

VITÓRIA — RELATÓRIO DO CURSO SUPERIOR DE RELIGIÃO "PIO XII"

Iniciaram-se as aulas no dia 24 de março. Os professôres foram os mesmos do ano anterior. Matricularam-se 50 alunas; algumas desistiram após o primeiro semestre. As primeiras provas foram feitas em junho. As questões foram as seguintes: DOGMÁTICA: 1 — Quais as fontes da revelação? a) Pode progredir êste depósito da fé? b) Como considerar então os novos dogmas? 2 — Será a fé então uma conquista humana? a) Quem melhor do que nós sente a luminosidade da fé? b) Dê um exemplo provando o que afirma. 3 — Que é o símbolo dos apóstolos e como se divide? MORAL: 1 — Quando será lícita uma ação com dois resultados: um bom e outro mau? 2 — Que é hábito e qual o seu influxo na imputabilidade do ato humano? 3 — Que é violência? Seu influxo na imputabilidade do ato humano. 4 — Que é Culto? — Sua divisão. — 5 — Falar sôbre as imagens e seu culto. LITURGIA: Que é Oração Litúrgica? 2 — Dissertar: Paramentos da Santa Missa — Seu simbolismo. 3 — Elenco dos principais gestos litúrgicos. Simbolismo. PEDAGOGIA CATEQUÉTICA: Citar as partes de um Plano de Aula. Quais são as fontes de motivação? Que é método? Qual a utilidade do método de interrogatório? Elaborar três testes de diferentes tipos.

Houve um mês de férias. Em novembro as alunas fizeram as provas finais. Os assuntos foram: TEOLOGIA DOGMÁTICA: 1 — Em que consiste o Mistério da SS. Trindade? a) Que quer dizer pessoas iguais e distintas? b) Conhece analogias que sirvam para explicar o mistério. c) Que relação

tem nossa vida cristã com a SS. Trindade? 2 — Como se pode definir o mistério da Encarnação? a) Em que consiste êste dogma católico? b) Quantas pessoas e quantas naturezas há em Jesus Cristo? 3 — Quais as prerrogativas da SS. Virgem? a) E a Assunção é um dogma de fé? b) Como se chama o culto que prestamos à SS. Virgem? É idólatra êste culto? TEOLOGIA MORAL: Desenvolver um ou dois mandamentos, a própria escolha; LITURGIA: Que é Ano Litúrgico? Desenhar o mapa do Ano Litúrgico ou explicar brevemente o funcionamento do Ano Litúrgico. PEDAGOGIA CATEQUÉTICA: Elementos da Formação Cristã — Diferenças individuais dos sexos — Vantagens do material didático no catecismo: Jogos e Quadros murais — Disciplina: conceito — Dotes do Catequista: a) Intelectuais e morais.

Foram ministradas durante o corrente ano: 18 aulas de Teologia Dogmática; 19 de Moral; 15 de Liturgia e 9 de Pedagogia Catequética.

Os certificados foram entregues numa sessão solene no dia 9 de dezembro, tendo como paraninfo da nova turma de catequistas o Revmo. Monsenohr Raymundo Pereira Barros. O programa executado foi:

I — Marcha Pontifícia;
II — Discurso da oradora: Roberta Giovanotti;
III — Música: Maria Arabela Lellis;
IV — Discurso do Paraninfo;
V — Entrega dos certificados;
VI — Canto da Catequista.

Como lembrança dêste dia distribuiram-se algumas imagens com o pensamento: "A catequista se imortaliza em cada aluno que educa, porque se eterniza em cada coração que forma".

Pe. Agenor Marques

BIBLIOGRAFIA

Frei João Pedreira de Castro (O.F.M.). — *DAVID* (180 pgs.), Vozes.

Trata-se de uma segunda edição. O autor um dos maiores intérpretes da Sagrada Escritura, em terras brasileiras.

Lê-se êste livrinho, com sumo agrado. E' que, além do assunto, de per si muito interessante, está composto em estilo breve e suave.

O grande mérito do trabalho consiste em nos apresentar David no conjunto da sua obra e ajuntar, bem coordenadamente, os pedaços esparsos, a êle referentes, encontradiços no texto sagrado.

Tem-se, dêste modo, um David único, na pujança de sua personalidade, vendo-se bem nela os defeitos e as qualidades do rei-profeta.

A leitura de tal opúsculo ou doutro semelhante é imprescindível para a exata compreensão de muitos salmos, mormente os de autoria do herói em questão.

Frei Pedreira ao nos apresentar David, como êle foi, sem lhe encobrir as fraquezas, deu-nos uma obra de história, realmente digna de louvor. Os

santos nem sempre foram isentos de falhas, mesmo depois de iniciada a trilha conducente à perfeição. Tornaram-se assuntos porque superaram a tempo e em intensidade essas falhas.

David, é realmente um dêsses. E não constituirá para nós um estímulo a nos encorajar, no serviço de Deus, apesar de nossas deficiências? *I.J.D.*

João Camilo de Oliveira Tôrres, — DESENVOLVIMENTO E JUSTIÇA (191 *págs.:*) — *Vozes*

Mais uma obra de pêso de J. C. de O. T. Há sempre agrado em ler os trabalhos dêste autor. E' que êle nos oferece constantemente algo de importante, sério, transcendente, para meditar.

Num estilo fluente e correto, apresenta e debate os problemas mais delicados, no campo da sua especialidade que é o da filosofia, da economia, e da sociologia com suas implicações na história.

Neste livro, êle teve em vista estudar as inferências da encíclica MATER ET MAGISTRA, na realidade brasileira. Do têxto pontifício, pròpriamente dito, pouco diz. Mas, diz muito, no estudo das idéias que constituem o substrato e a estrutura do já famoso documento, como por exemplo, quando disserta sôbre: *o trabalho, a redenção do campo, o desenvolvimento e a justiça* (que deu o título ao livro), *a encarnação redentora no plano econômico, o homem e a economia.*

Mas para nós, católicos, o que sobremaneira agrada nesse livro, é a segurança do autor na doutrina social da Igreja e na esfera teológica como quando se refere ao Corpo Místico e ao concernente ao casamento, assunto específico de sua "conclusão".

É um livro de tomada de posição, em questões passíveis de interpretações várias, mas por isso mesmo, muito de louvar pelos novos rumos que aponta, honesta e conscienciosamente estudados.

Continue o eminente autor a exercer o apostolado intelectual que tanto bem está fazendo desde bastante tempo. A editora, parabéns por mais esta contribuição, no esfôrço de formar a consciência católica, nos problemas sociais.

Eymard L'Eraistre Monteiro — PROBLEMAS DE EDUCAÇÃO (11 *pgs.*) — *Vozes.*

É um punhado de crônicas dos mais variados assuntos e em que o sentido de educação caberia de muito longe, por exemplo, na "carta aos barbeiros", na "bomba que virou têrço" ou na ascensão do Senhor'.

Realmente justificam o título as 5 ou as 6 primeiras.

As restantes encerram conceitos morais, expressos em estilo corrente e forma cuidada, embora sem rebuscos.

Le-se com agrado êste opúsculo, destinado a fazer bem a quantos dêle tomarem conhecimento e que deveriam ser principalmente os professores e as mães, a quem o autor se dirige com mais insistência.

Décio Ferraz Alvim, SOCIOLOGIA. Editôra Vozes, Petrópolis 1963 *I.J.D.*

Catedrático da Universidade Católica de Campinas, o professor Décio Ferraz Alvim traz ao público estudantil do Brasil um pequeno livro sob o título de "Sociologia".

Acreditamos no valor da obra que, certamente, contribuirá para uma orientação dos que se iniciam nos estudos de Ciências Sociais. Cabe-nos, porém, a par das indicações frutuosas que apontaremos, ressalvar de início que talvez fosse mais exato intitular de outro modo o livro, uma vez que seu conteúdo engloba também aspectos de História da Filosofia e se prende bastante a conceituações da filosofia escolástica.

Exemplo disso é o capítulo de História da Sociologia onde o autor se ocupa em fazer um resumo de sistemas que pertencem à História da Filosofia, num mínimo de linhas que nos parecem um tanto apressadas. Servirá, em todo caso, para orientar os que não necessitarem mais do que isso.

Quando fala da Sociologia na América do Norte, à pag. 72, diz explicitamente que lá essa ciência "tem um caráter próprio, peculiar desta grande raça." Ora, não nos parece que sociològicamente os americanos constituam no Ocidente qualquer espécie de raça à parte. Um lapso do professor?

Também as considerações que tece sôbre grupos e correntes sociais são elementares e pouco atualizadas. Basta notar a ausência dos conceitos de grupos primários e secundários tão aceitos modernamente.

E' interessante que o professor quando fala de "Leis Sociológicas" se prende a uma série de distinções que mais pertencem à escolástica que à Sociologia. Alonga-se em enumerar posições e correntes sem se lançar a um trabalho de elaboração criadora ou ao menos de crítica construtiva.

O mesmo acontece com os Métodos, onde apesar da extensa relação, o autor traz para o estudante um apanhado bastante bom sôbre metodologia. Parece-nos esta a melhor parte do livro..

Pela leitura de suas notas sente-se a ausência de tôda uma conceituação tão válida e rica como são as contribuições que deram à Sociologia homens como Gurvitch, Weber, Mannhein, Sorokin: Talcott, Parsons, Wiese e outros; o que certamente enriqueceria muito um livro dessa natureza.

E' bastante válida essa publicação da Editôra Vozes, considerando-se o apanhado geral que o autor consegue efetivar, mas voltamos a insistir que seria mais ajustado se fôsse outro o título da obra. *Sinésio Bacchetto, sj.*

——— xxx ———

Outras publicações enviadas à Redação

Johannes Hischberg. HISTÓRIA DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA Trad. e Prefácio de Alexandre Correia. São Paulo, Ed. Herder, 1963. 320 páginas.

Hilda Penteado de Barros. PROPEDÊUTICA AO GREGO. São Paulo, Ed. Herder, 1962. 218 pgs., ils.

Aldo Fantozzi SDB. O PEQUENO GIGANTE — SÃO DOMINGOS SÁVIO. 3.ª Ed. Niterói, Esc. Ind. Dom Bosco, 1961 168 pgs.

Irmã Maria Anísia, S. D. N. UM SATÉLITE ARREMESSOU-SE AS ALTURAS. Esboço Biográfico do Revmo. Pe. Júlio Maria de Lombarde S. D. N. Ilustração de Irmã Maria juliana S. D. N. Niterói, Livr. Dom Bosco, 1962. 112 pgs.

Peter Lappin. O CAPITÃO GUEL. Niterói, Esc. Ind. Dom Bosco, 1961, 260 pgs.

Luiz Castano S.D.B. O HERÓI DOS PAMPAS — ZEFERINO NAMUNCURÁ. Trad. de Edith Oliveira Machado. Niterói, Esc. Ind. Dom Bosco, 1962. 112 pgs.

Décio Ferraz Alvim. SOCIOLOGIA. Petrópolis, Ed. Vozes, 1963. 220 páginas.

Frei Cântio Berri O. F. M. FESTEJANDO O SACERDOTE. Repertório de trechos escolhidos, poesias e cânticos. Petrópolis, Ed. Vozes, 1963. 240 páginas.

Mansueto Kohnen O. F. M. LITERATURA GERMÂNICA DO SÉCULO XX. Petrópolis, Ed. Vozes, 1963. 424 pgs, 8 fls. ils.

Pe. Frei Matias de S. Fr. de Paula OFMCap. CADERNOS DE EXTENSÃO — 1 — UMA COMUNIDADE EM BUSCA DE SEU CAMINHO. Ijuí, Fac de Filos., Ciências e Letras, 1962. 32 pgs.

Nihil Obstat
Rio de Janeiro, 28 de março de 1963
Pe. Frei Jacinto de Palazzolo OFM Cap.
Censor Eclesiástico

Gráfica Editôra Rio São Paulo — Rua Barão do Bom Retiro, 589 — Insc. 170.958